



Contos, Crônicas & Poesias



Concurso Literário do TJPA





Contos, Crônicas & Poesias



Concurso Literário do TJPA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P221c Pará. Tribunal de Justiça do Estado

Contos, crônicas & poesias: 2º concurso literário do TJPA / Tribunal de Justiça do Estado do Pará; Organização de: [Patrícia Bacellar Lopes Saraiva, Nadime Sassim Dahas, Saulo Alexandre Picanço Sisnando]. - Belém: TJPA, 2018.

138p.

ISBN: 978-85-63646-12-5

1. Contos brasileiros - Pará. 2. Crônicas brasileiras - Pará. 3. Poesia brasileira - Pará. I. Saraiva, Patrícia Bacellar Lopes. II. Dahas, Nadime Sassim. III. Sisnando, Saulo Alexandre Picanço. IV. Título.

CDD: 869.38115



COMISSÃO ORGANIZADORA
DO 2º CONCURSO LITERÁRIO DO TJPA

PORTARIA Nº 3184/2018-GP

Patricia Bacellar Lopes Saraiva

Secretária de Gestão de Pessoas, presidente da Comissão

Pollyanna Pires

Diretora do Departamento de Documentação e Informação

Saulo Alexandre Picanço Sisnando

Analista judiciário, secretário da Comissão

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARÁ

Des. **Ricardo Ferreira Nunes**

PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO

Des. **Leonardo de Noronha Tavares**

VICE-PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO

Des. **José Maria Teixeira do Rosário**

CORREGEDOR DA REGIÃO METROPOLITANA

Des^a. **Vania Valente do Couto Fortes Bitar Cunha**

CORREGEDORA DO INTERIOR

Judiciário caminha de mãos dadas com a literatura

O poeta chileno Pablo Neruda consagrou uma máxima: “Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”.

E ideias são o que não faltam nessa segunda edição de “Contos, Crônicas & Poesias”, que eu tenho a satisfação de prefaciar.

Essa edição consolida o concurso literário promovido por este Tribunal de Justiça para estimular magistrados, servidores e colaboradores a dar pulsão à veia ficcional e plasmar em textos os seus sentimentos e impressões sobre a realidade do mundo que nos cerca.

O sucesso da iniciativa pode ser aferido pela quantidade e pela qualidade dos textos enviados de todas as regiões do Estado.

Não foi fácil à comissão julgadora chegar ao resultado contemplado neste livro, que agora tornamos público.

Fica aqui a nossa palavra de incentivo aos que, infelizmente, não foram classificados. Que não desistam. Uma nova edição do concurso virá e, com ela, outra oportunidade.

Aos classificados, as nossas congratulações.

Todos os textos apontam para o reforço de valores caros ao Judiciário brasileiro, entre os quais a solidariedade e o compromisso com uma sociedade mais humana e fraterna.

Concluo citando outro poeta, Carlos Drummond de Andrade, que fez do tempo presente a matéria de sua poesia: “O presente é tão grande, não nos afastemos/Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

Des. Ricardo Ferreira Nunes
Presidente do Tribunal de Justiça do Pará

Premiados





ELE NÃO É UM PESO, ELE É MEU IRMÃO

Luis Marcelo de Araújo Pedroso

Belém

Quando éramos pequenos, mamãe e papai viviam brigando. Acho que era por causa da falta de dinheiro e, também, porque o papai vivia desempregado e bebendo. Fazendo um bico aqui, outro ali e assim ia levando.

Primeiro nasceu Caio, o meu irmão mais velho, depois eu nasci, muito prazer, me chamo Paulo, por último, a minha irmã Clara. Meu irmão era o meu ídolo, forte, inteligente, rápido, bonito. Mamãe não tinha nenhum estudo, mas era muito trabalhadora. Era manicure, diarista, catadora. Lembro que ela se virava para trazer dinheiro para casa, enquanto meu pai vivia embriagado.

Eu e meu irmão crescemos “livres” nas ruas do bairro, eu o acompanhava para todos os lados. Minha irmã ficava o dia inteiro na casa de uma vizinha.

– Volta para casa, moleque! – Berrava comigo com frequência, mas eu fingia que ia e ficava seguindo-o a distância. Ele era meu irmão, tinha que estar com ele sempre, ele iria me proteger, assim eu pensava. Eu era franzino, magrelo, cabeçudo, não gostava de cortar os cabelos, não era de ter amigos. Só queria estar com meu irmão, minha irmã, minha mãe e meu pai. Me chamavam de “frouxo”, “pomboca”, “lesado”, eu tinha muitos apelidos, mas não estava nem aí. Meu irmão não era flor que se cheirasse. Às vezes, via ele “pegar” alguma coisa de alguém e sair correndo, eu não gostava daquilo, brigava com ele por causa disso.

– Eu vi o que tu fizeste! não devias pegar as coisas dos outros. É errado!

– Cala a boca, moleque! Tu não sabes de nada. Se falar alguma coisa para alguém, vai se ver comigo! Lá fora é a lei do mais forte. Ou você pega à força ou nunca vai ter nada. Vai ficar com fome. Não terá o respeito dos outros, entendeu?

–Respeito de quem? Daquele bando de “malaco” maconheiro? Isso não é ter respeito, é se rebaixar!

Mas não adiantava brigar com ele, pois não me dava ouvidos, virava as costas e ia embora. Nós brigávamos, mas nos respeitávamos. Ele nunca levantou as mãos para mim. Apesar de eu ser mais novo que meu irmão, eu não baixava a cabeça para ele.

Um dia, o agarraram tentando “pegar” a bolsa de uma senhora que tinha acabado de descer de um ônibus, voltando do trabalho com o salário do mês. Coitada, era empregada doméstica e trabalhava duro para ter o sustento. Eu a conhecia, pois morávamos no mesmo bairro.

– Ahhh, minha bolsa! Pega ladrão! Pega ladrão!” – Ela gritava a plenos pulmões.

– Larga essa bolsa sua velha safada, vagabunda, larga! – Gritava o meu irmão desesperado para fugir dali o mais rápido possível. Mas aquela senhora não iria largar, era todo o seu dinheiro. Todo o sacrifício do mês. O produto pelo qual ela se acordava às 5h da manhã, fazia café para toda a família e deixava o almoço de antevéspera pronto, pegava dois ônibus lotados para chegar ao serviço pontualmente às 7h00 e lá ficava até as 18h00 horas, quando fazia o mesmo percurso de volta.

O tumulto foi crescendo até que algumas pessoas mais próximas o agarraram, o xingaram e bateram muito nele. Jogaram no chão, deram chutes, pauladas, socos, bateram nele com tudo

que tinham. Me desesperei, corri pedindo para que parassem. Implorei, chorei, disse que ele já tinha apanhado demais. Quando viram que ele estava desmaiado, sem reação, foram parando. Mas continuavam xingando. Como ele era “de menor” não o prenderam, nem a polícia chegou no local, deixaram lá inconsciente. Levei-o dali.

– Para com isso mano! Você poderia ter morrido! Por que você faz isso, não precisa? – Briguei com ele, mas, como sempre, não me deu ouvidos, permaneceu calado e em casa por alguns dias. Mas não demorou muito para voltar a andar com as más companhias. Minha mãe dizia que o problema dele eram as más companhias. Não era bem assim. Me dói dizer, mas a verdade era que meu irmão era uma má companhia.

Ele gostava muito de jogar bola e jogava de manhã, de tarde e de noite na rua. Se achava o “considerado”. “Comedor de pipira”, como ele mesmo dizia. Pena que os amigos do futebol eram de maconheiros e “malacos”, eu não me entrosava. Por algum motivo que não sei explicar, eu não gostava daquilo.

Depois de um tempo, resolvi ficar mais em casa com a minha irmã. Ela estava crescendo e precisava de mim. Também, como eu estava ficando para trás na escola, resolvi estudar para não ficar tão atrasado, sentia vergonha de ver meus amigos se adiantarem nos estudos e eu estacionado no mesmo lugar.

O meu pai vivia embriagado e cada vez pior da saúde, enquanto mamãe se matava de tanto trabalhar. Eu amava meu pai. Sempre ia buscá-lo nas tabernas, nos bares e até nos prostíbulos, quando estava já inconsciente de tanto beber. Gastava todo o dinheiro dos bicos que fazia. Ele era um bom pedreiro, mas, se recebesse no mesmo dia, no dia seguinte não ia trabalhar porque gastava tudo em cachaça. Por isso não parava em emprego

e se encontrava bastante debilitado por conta de uma cirrose.

Todos batalharam para que ele parasse de beber, que cuidasse da esposa e dos filhos, mas qualquer esforço era em vão. A notícia triste chegou enfim. Um dia, um vizinho veio dizer logo de manhãzinha que haviam encontrado papai morto, jogado em uma vala, após tropeçar e cair nela totalmente bêbado de madrugada. O lugar era muito escuro, não havia iluminação pública. A rua era de terra e havia muito mato, por essa razão ninguém o viu cair. Ele estava tão bêbado que não conseguiu se levantar e se afogou no raso. Foi uma comoção geral. Apesar de ser alcoólatra, ele era muito querido por todo mundo. Era prestativo e fazia “servicinhos” para todos. Era sorridente, gentil, nunca discutia com ninguém. Nem com a minha mãe. Ela brigava muito com ele por causa do vício da bebida, mas ele nunca reagia. Sorria com uma cara debochada, mas sem maldade. Era um bom homem que, doente pelo vício do álcool, se foi.

O tempo passava. As coisas continuavam difíceis em casa, pode-se dizer que pioraram muito. Papai trazia pouco dinheiro, mas trazia algum. Ele era o homem que “protegia” a casa, agora, tudo caía nas costas de minha mãe. Por esse tempo, meu irmão passou a assaltar. Agora, ele tinha 16 anos, eu tinha 14, minha irmã tinha 12. Minha mãe, dona Maria, já tinha feito de tudo para ajudar o meu irmão. Por várias vezes ela foi ao Conselho Tutelar para trazê-lo para casa depois de alguma “merda” que ele tinha feito.

Em algumas ocasiões, eu mesmo o vi fazendo coisas erradas, mas ele não ouvia ninguém, então depois de uma briga, em que quase saímos no “soco”, por causa de uma arma que vi ele guardar em casa, resolvi cuidar da minha vida. Mas antes, tive de dizer umas verdades:

– Tu agês pior que o papai, seu covarde! – Gritei com Caio.
– Papai era homem e assumia seus atos. Tinha problemas com a bebida, era viciado em álcool, mas isso é doença, ele não tinha culpa. Mas tu, tu és ladrão. Tu roubas gente que trabalha honestamente todo dia. Tu és um babaca. Maria vai com as outras.

– Cala a boca, moleque! Tu és um frouxo. Filhinho de mãe. Chora por tudo. Fresco, baitola do ca*lho. Eu também tenho meus vícios, gosto de beber, de fumar e de “trepar”.

– A diferença é que papai nunca precisou roubar, muito menos machucar fisicamente as pessoas para sustentar o vício dele. Já tu, fraco que és, não consegues arranjar dinheiro honestamente, trabalhando. Me decepcionaste mano. Vou te pedir uma coisa, não traz mais arma aqui para casa, porque se fizeres isso, sumo com ela, jogo fora.

– Tu não és nem doido, te mato se fizeres isso. – Esbravejou ele.

– Bora ver então se não sou doido. Tu sabes que não tenho medo de ti. – Ele saiu batendo porta rua afora. Foi, com certeza, fumar “bagulho”. Isso não me importava. Se ele fosse homem para arcar com as coisas que fazia, por mim, poderia até fumar um tijolo por dia. Mas não trabalhava. Não estudava. Só queria botar banca em casa com todo mundo. Passou a ser o valentão da casa. Nem papai nunca tinha sido assim. Gritava com a mamãe e minha irmã. Comia toda a comida e não trazia nada para casa. Assim não dava. Mas ele não levou mais arma lá para casa. Ficou ressabiado, afinal, uma arma custava caro e perdê-la podia dar até morte.

Fatalidade do destino. Uma noite, alguns meses depois de nossa discussão, meu irmão estava na esquina de casa conversando com outros garotos, seis no total, todos, com exceção de um, usavam drogas e cometiam diversos delitos. Não perceberam

quando um carro se aproximou, devagar, os ocupantes baixaram os vidros e então atiraram no grupo. Os garotos estavam distraídos conversando e nem perceberam a ação. Os tiros acertaram em quase todos. Dois “parças” do meu irmão morreram na hora, dentre eles, também morreu o único que não fumava, nem bebia, nem brigava, nem roubava, mas estava no lugar errado, na hora errada e com as companhias erradas.

Meu irmão levou um tiro, caiu ao chão, mas não sabíamos se estava morto ou vivo. Os outros garotos correram e não se feriram. Os criminosos levantaram os vidros e fugiram acelerando o carro tão rápido que ninguém soube dizer ao certo de que cor ou marca era o veículo, muito menos souberam dizer quem estava dentro.

Meu irmão foi levado para o pronto socorro da 14 de Março. Demorou muito para ser atendido, pois havia muita gente machucada lá, parecia uma zona de guerra. Gente em macas, cadeiras, no chão, jogadas em qualquer lugar que coubesse um corpo. Havia médicos, mas eram poucos para tanta demanda, para piorar, era noite de sábado.

Ninguém falava nada, não davam notícias de quem entrava. Ninguém sabia se quem estava lá dentro estava bem, mal, vivo ou morto. Ele foi levado em uma cadeira de rodas e ficamos incomunicáveis. Eu era menor de idade, por isso, não podia entrar, só um responsável, maior de idade, poderia acompanhá-lo. Depois de algum tempo, minha mãe chegou desesperada querendo saber notícias do filho. Gritava na entrada do hospital. Os seguranças ameaçavam chamar a polícia para prendê-la. Até que, passados alguns minutos, deixaram que ela entrasse. Não fiquei sabendo mais de nada, até o dia seguinte.

Um dos tiros acertou as costas do meu irmão. Exatamente

na coluna cervical, na 2ª vertebra. Aquele foi um dia de muita tristeza. Minha mãe andava meio adoentada naqueles tempos, em casa faltava comida, roupa, enfim, quase tudo. Ela veio pela manhã até mim e chorou nos meus braços. Me deu muita pena de ver minha mãe assim. Senti muita raiva do meu irmão, mas aquela situação não era de todo culpa dele somente. Eu poderia estar lá conversando com eles, afinal, também os conhecia, só não gostava de estar com eles à toa, na rua, batendo papo fiado, até porque, sabia o que faziam. Mas o que falar do garoto que morreu no atentado?! Ele não era ladrão, não era viciado, era um rapaz que trabalhava e morreu do mesmo jeito! Ele não teve culpa. Era injusta aquela situação. Mas, meu irmão não morreu, depois de passar alguns meses tortuosos no PSM, ele foi para casa, em uma cadeira de rodas que algumas pessoas nos doaram.

Agora, com meu irmão em uma cadeira de rodas, tudo havia piorado demasiadamente. Eu estava no ensino médio, mas quase não ia para a escola, pois precisava arranjar emprego. Trabalhar honestamente nunca é fácil. Engraxando sapatos, vendendo lanche. Vendendo água, jornal, picolé nas ruas de Belém. Mas era muito difícil. Quando chegava em casa, ainda tinha que ajudar a dar banho no meu irmão, cuidar da minha irmã, porque a minha mãe ainda estava no trabalho, isso quando eu chegava primeiro que ela.

Minha mãe havia conseguido bolsa família para mim e minha irmã, porque a gente “estudava”, como eu ainda estava matriculado, eu recebia também, mas faltava muito na escola, por isso, corria o risco de perdê-la.

Meu irmão falava muito pouco, mas chorava a todo momento. Não sei se de tristeza, medo ou raiva.

– Oi mano, vamos dar uma volta? Quer ir à arena assistir

uma partida de futebol?

– Não! – Falou secamente. – Para que vou sair, se eu não posso nem mexer um braço, nem para torcer! Quero ficar só.

Ele estava revoltado. Achava injusto estar naquela situação, mas, mesmo assim, ele precisava sair, às vezes, ir ao posto de saúde para tomar um pouco de oxigênio e fazer alguma avaliação, pois a sua saúde havia se debilitado muito e ele se encontrava muito magro e abatido.

Que sacrifício era chegar ao posto de saúde, que até não era longe, mas era penoso porque as ruas tinham muitos buracos, mato, vala, paus, sujeira, carros e tudo mais que pudesse complicar. Ainda, para piorar, nas calçadas não havia acesso, todas eram irregulares, não havia uniformidade para cadeirantes. Era muito triste tudo aquilo. Até os ciclistas tinham dificuldades em trafegar nas ruas do bairro.

A saúde do meu irmão não andava bem. Para piorar, minha mãe contraiu tuberculose e o tratamento no Barros Barreto era difícil e complicado. Não por causa do hospital em si, que era muito bom, mas na maioria das vezes, o paciente que não colaborava, o que era o caso da mamãe, que começou o tratamento, mas logo que melhorou, quis voltar ao trabalho. Minha mãe era muito forte. Ela era magrinha, franzina da cabeça aos pés, miudinha, fala fina, cabelos já esbranquiçados, olhar fundo, mas de um sorriso que fortalecia, confortava, resignava. Muitas vezes, o sorriso não concordava com o olhar triste. Infelizmente, ela teve uma recaída da tuberculose, foi internada no hospital às pressas, mas faleceu um dia depois. Nosso mundo desabou.

Eu tentei não chorar, aparentar força, meu irmão e minha irmã choravam copiosamente. Tentei confortá-los, em vão. Era o momento da tristeza. Era o momento derradeiro no qual

inevitavelmente todos passarão um dia. Então, pensei, que choremos o que temos que chorar nesses momentos de despedida. À noite, sozinho, chorei no travesseiro sujo e encardido da minha cama velha, lavando-o totalmente com minhas lágrimas. Saudades do papai e agora de minha mãe. O que seria de nós? Meu irmão tinha 18 anos, eu já com 16 e minha irmã com 14. Não tínhamos mais ninguém. O mundo estava sobre meus ombros.

O tempo ia passando, alguns rapazes da minha rua começavam a ficar de olho na minha irmã, pois estava crescendo e ganhando corpo de mulher. Eu ficava atento a isso e a mantinha perto de mim o máximo de tempo que podia. Ela havia sofrido muito com todas as perdas e todas as situações difíceis pelas quais passamos, tanto quanto eu, e, para piorar, ela era a mais criança, menina, mais frágil. Mas depois de passados alguns meses, parecia que estava se recuperando de tudo muito bem, não sei se ela era forte, ou se estava fingindo ser forte.

Ela ia para a escola de manhã e voltava por volta de 12h00. Estava estudando bem, pensei eu, graças a Deus. Um dia, ela demorou para voltar, fui a escola e me disseram que já havia saído mais cedo, junto de uma amiga da escola. Fui procurar nas ruas do bairro, até que cheguei à casa da tal amiga, mas elas não estavam lá. Me preocupei muito. Meu irmão chorava de preocupação. Todos saímos procurando por elas. Tinham a mesma idade e eram bem parecidas, brincavam e estudavam juntas lá em casa.

Perguntei por elas aqui e ali, até que me falaram que as vieram ir na direção de uma mata próxima com um grupo de rapazes. Fomos todos para lá, chamei um conhecido que era policial para nos acompanhar. Ao chegar, vimos a amiga apanhado dos

marginais porque, sem querer, havia falado sobre uma boca de fumo que existia no bairro para alguém, que falou par outrem que falou para a policia e a policia deu batida no lugar.

Bateram nela, querendo que confessasse tudo. Minha irmã seria a próxima, mesmo sem saber de nada. Estavam tentando abusar dela quando chegamos. Por muita sorte, as duas saíram vivas, mas com alguns machucados. A amiga ainda teve os cabelos cortados curtinhos. Os marginais fugiram do lugar assim que nos viram e só não atiraram nelas porque pensavam que estavam cercados.

Foi uma lição para mim, mas principalmente para a minha irmã. Não podemos baixar a guarda, o ladrão nos ronda. Queria ir embora daquele lugar com ela e meu irmão, mas para onde? Pobre não tem para onde ir.

Passado o susto, fui tentar a vida vendendo cachorro-quente, na verdade, voltando a vender lanche, pois já havia vendido no passado. Montei um carinho perto de casa, na esquina. Quando dava umas 18h00, começava a montar o negocinho. Até que um dia um fiscal da prefeitura apareceu e:

– Cadê os documentos do negócio? – Perguntou o fiscal da Prefeitura, todo cheio de banca.

– Ainda não tenho, estou começando agora o negócio. Quando faturar algum, vou pegar a licença.

– Mas não pode, se insistir vou ter que levar tudo. Chamo ajuda e confisco tudo, a não ser que... tu molhes a plantinha hoje e semana que vem, até legalizar... – Moral da história, o regador custava 50 reais, sem a água.

Ninguém ajuda ninguém, a não ser quando há interesse. As pessoas, em geral, só são legais enquanto você pode dar algo em troca. Essa é a verdade e, aliás, todo mundo quer ser o dono

da verdade. Nessa ocasião, lembrei de um poema que o professor de português lera na escola, de autoria de Fernando Pessoa, chamado “Poema em Linha Reta”. “Será que só eu sou errado?!”

Como o meu irmão tinha problemas de saúde e precisava ir ao médico, mas o posto não tinha estrutura para atendê-lo, algumas vezes eu precisava ir até outro bairro com ele e de ônibus. Mas os ônibus eram muito velhos e sucateados. Os motoristas e cobradores, nem todos, mas alguns que, por azar eu pegava, eram muito, mas muito grosseiros. Rudes no pior sentido. Muitos não paravam, outros paravam com muita má vontade. Mas sempre pediam apoio e compreensão da população quando faziam greve, igual aos policiais, e outros profissionais. Era um sufoco levar meu mano para o médico. Ia duas vezes ao mês fazer uma fisioterapia em um hospital que por muita sorte uma enfermeira que morava no meu bairro conseguiu para ele. Alguns cobradores já me conheciam de tanto que eu pegava o ônibus com eles. Um deles certa vez me disse:

– Cara, deve ser um castigo muito grande que tu estás pagando! Sempre te vejo levando esse rapaz ao hospital no maior sacrifício. Tu tá doido! Não tem outro parente que leve?! É difícil, até entendo, mas deve ser um estorvo, um peso! – Concluiu o cobrador com cara de “tô nem aí pra ti”, mas precisava falar uma merda qualquer hoje. Então eu falei para ele e para outras pessoas que estavam perto e podiam ouvir:

– Não, ele não é um estorvo, não é um transtorno e muito menos um peso para mim. Ele é meu irmão e mesmo que eu vivesse cem vidas, ele seria o menor peso que eu carregaria em vida. Ele é leve. Pesada é a sociedade com todos os seus defeitos. Pesada é a indiferença, a falsidade, o orgulho, o preconceito, a intolerância, a corrupção. Levar meu irmão ao médico é leve.

Ajudá-lo a seguir um pouco mais nessa estrada é meu dever que faço de coração alegre e feliz. Ajudaria qualquer um de vocês, se precisasse.

Todos ficaram em silêncio, alguns talvez tenham entendido, mas também ficaram calados. A verdade pode causar dois fenômenos, um, o silêncio; o outro, o grito do que se sente atacado por ela, pois não a aceita.

Com dificuldades sem igual, voltei a estudar. Mas eu estava muito atrasado. Terminei, por milagre, o ensino médio e prestei vestibular. Graças a um programa social, ingressei na universidade. Verdade que passei pelo sistema de cotas, mas fui aprovado em história. Como não faria esse curso maravilhoso! Tive algumas pessoas que me ensinaram muito a lutar pela vida, pelo trabalho, pelo justo e honesto, esses eram professores de varias disciplinas, mas principalmente de história.

Muitos deles não me aconselhavam a seguir essa profissão tão linda e maravilhosa. Digna e enaltecida, pois dela cria-se uma nação de fortes. Não a recomendavam em virtude da desvalorização que vem sofrendo por parte dos diversos governos, com salários defasados, falta de segurança, desrespeitos por parte da sociedade e dos políticos que acham que o professor deve trabalhar de graça, por amor à educação. Isso eles já fazem, pois, comparado a outros profissionais de nível superior, ganham muito mal, porém trabalham com muito amor, principalmente por seus alunos. As escolas estão sucateadas, sem merenda, sem segurança, sem materiais, mas os professores estão lá todos os dias acreditando que podem fazer alguma coisa pela educação. Meu muito obrigado aos professores.

Que eu tinha que lutar para sobreviver nessa vida, eu já sabia, mas aprendi que não poderia desistir com eles, os professores, e

com muita dificuldade, concluí meu curso de história e, depois de algum tempo, passei em um concurso municipal para professor em uma escola perto de casa. Graças a Deus! Hoje, vejo com grande tristeza os rumos que a educação está tomando. Li que querem que apenas Português e Matemática sejam obrigatórios nas escolas! Como assim!?? Meu Deus!! Aonde vamos chegar?

Me descuidei de minha irmã que acabou se enamorando por um vizinho e engravidou. Mesmo com toda a atenção que eu dava a ela, não podia ficar 24 horas ao seu lado. Fiquei muito chateado. Mas jamais bateria nela, ou a mandaria embora. Além de tudo, ela já era mocinha, tinha atingido a maior idade. Chamei o rapaz para uma conversa e disse que ele teria que assumir as responsabilidades. Ele tinha um filho agora e que precisaria bancar isso. Por sorte, ele era um bom rapaz e cuidou bem dela e do bebê que nasceu com um pequeno problema de saúde, só para não deixar de ser difícil a vida de pobre. Mas, após algumas cirurgias realizadas pelo SUS, ele ficou bem. E ainda tem gente que defende a privatização da saúde!

Casei e tenho um filho. Minha esposa está esperando outro. Ela é de geografia, rsrsr. Dois professores. Uma sociedade pode deixar de ter juizes, quando um dia não houver mais litígio, pode deixar de ter médicos, quando a tecnologia evoluir para super-computadores capazes de diagnosticar e tratar todas as doenças, mas jamais prescindirá de professores.

Um dia, estávamos sentados no quintal, eu estava assando uma carne, então meu irmão voltou-se para mim na cadeira de rodas, ele conseguia movimentá-las com algum sacrifício, depois de inúmeras sessões de fisioterapia nas quais eu o levava e que valeu muito à pena:

– Mano, mano, olha para mim! – Falou meu irmão meio afrito.

Estava magro, pernas finas, mas lúcido e relativamente bem de saúde. Passou a ler, depois de muita insistência minha, trazendo-lhe livros diversos. Gostou dos romances espíritas. Ele lia bastante sobre espiritismo.

– Que foi? Está tudo bem mano?

– Está sim. Está... mano eu queria te falar uma coisa...

– Pois fale então, estou ficando preocupado. – Vi que ele lagrimava, quase chorando com o rosto vermelho. Tentei sorrir demonstrando despreocupação, mas a verdade é que eu estava muito nervoso. Ver alguém chorar me deixava assim, principalmente, filhos, esposa, mãe, irmãos.

– Me desculpe, mano, por tudo o que eu fiz de errado nessa vida. Me desculpe por ter-lhe dado tanto trabalho. Por não ter ajudado mamãe, você e nossa irmã.

– Que é isso, mano, deixa para lá, não tem nada que se desculpar... – Tentei continuar, mas ele me pediu para não interromper.

– Obrigado por nunca desistir de mim, por não desistir de nossa família. Agradeço a Deus por ter te colocado em nossa família. Ele sabe o que é melhor para cada filho e você, mano, é iluminado, você deve ser nosso anjo da guarda reencarnado. – Choramos muito. Minha irmã veio e nos abraçamos os três. Meu irmão havia crescido, voltou a ser admirado por mim como sempre deveria ter sido. Ainda rimos e choramos outras vezes mais, mas fomos levando a vida como Deus quer que levemos, com amor, fé e esperança em dias cada vez melhores. Agradeço a Ele por isso.

2º LUGAR

O TRONO DO DRAGÃO

Eduardo Orlando Cavallero de Freitas

Ananindeua

A visão era desoladora... Os olhos não podiam descrever a quantidade de sangue, lágrimas e perda que estavam diante de todos... Cyr finalmente havia caído!

- A que preço? Perguntou-se Odraude Reyhe, Filho da Aurora, da Linhagem de Reyhe, Suserano do Alto e Baixo Pann, Protetor do Sul e, mais do que qualquer título que ostentasse, um dos mais sensatos líderes da Coalizão da Alvorada.

A capa branca e esvoaçante do Filho de Reyhe podia ser vista do alto de uma das amplas sacadas laterais da sala do Trono do Dragão, na Fortaleza da Manhã; observava atentamente as ruas de Cyr, ou melhor, o que sobrara dela.

Ainda ofegante pela descomunal batalha que acabara de vencer, antes mesmo do júbilo da vitória (será que haveria algum?), pegou-se a refletir sobre o que acabara de ocorrer. Destruição e sangue. Morte e fogo. Para isso que viemos. Para o imponente general, a missão fora concluída. O Filho da Aurora da Linhagem de Reyhe tinha finalmente tomado a Fortaleza da Manhã.

A barbárie da guerra era mais pesada que sua maravilhosa e negra armadura de batalha. Dos pés à cabeça, Odraude estava protegido por placas de aço, e cada centímetro seu era uma máquina de fatiar carne e quebrar ossos. Observou os corpos despedaçados, voltou o olhar para Dor e Morte, longas

e largas lâminas de aço fundidas nas manoplas de suas mãos, ainda pingavam sangue. Por um momento, desejou não estar ali.

Cyr ficava bem no centro das Terras Feridas.

Sempre cantada pelos bardos, Terras Feridas era um imenso continente de aproximadamente cinco milhões de quilômetros quadrados cujas fronteiras, ao norte, noroeste, oeste e sudoeste eram com o Mar Desconhecido, sendo que apenas Jahmanlah revelava-se como a única cidade que realmente possuía um litoral banhado por esse mar, eis que o restante dessa grande área estava cercado pela Cordilheira Branca, uma colossal cadeia de desconhecidas montanhas, cuja altura dos menores picos correspondia a vinte mil metros; já a nordeste, leste, sudeste e sul a terra literalmente possuía a chaga que caracterizava seu nome, uma gigante depressão, chamada de “Abismo Sem Fim”, cuja profundidade e natureza eram absolutamente desconhecidas pelos povos desse local.

A Coalizão da Alvorada tinha finalmente conquistado o último refúgio da Linhagem Real de Zalor, e Odraude fora um dos principais responsáveis por essa vitória. Vitória? Pensava alto ele. Onde está a tua alegria? Odraude procurava seu galardão, a paz interior por ter derrubado o orgulho e a prepotência que estava instalada em Cyr há gerações. Foi somente por isso que havia concordado em derramar sangue nesse local tão importante.

O Esplendor de Lanriel, a Cidade dos Lordes da Aurora, o Último Bastião, a Cidadela Central, enfim, refletiu pesadamente Odraude, todos os grandiosos títulos que poderiam indicar perfeitamente Cyr para qualquer um dos milhares de habitantes das Terras Feridas, não foram suficientes para salvá-la de seu destino, há tempos profetizado por Brugoth, o Dragador,

a mais poderosa Besta Abissal que fora expulsa por Lanriel, o Primeiro, há vidas atrás.

Odraude lembrou-se de seus estudos de história e imaginou se os Primeiros Pais tinham visto realmente tanta morte assim. Ao menos não lutaram entre si, pensou o Protetor do Sul. Foi a primeira vez que um Filho da Aurora fora morto por um igual. Os Primeiros Pais lutaram juntos, comandados por Lanriel, O Primeiro, para expulsar o Dragador e trazer a ordem às Terras Feridas. As lâminas do Primeiro e de seus Lordes da Aurora estavam manchadas com sangue de bestas horrendas, mas Dor e Morte sentiram o gosto de um Filho da Aurora.

Há mais ou menos três mil anos da queda de Cyr, as Terras Feridas estiveram assoladas por feras reptilianas, chamadas de Bestas Abissais, que haviam saído do Mar Desconhecido para chocarem seus aberrantes ovos em terra firme, destruindo a tudo e a todos que encontravam pela frente.

Por mais aterrador que possa parecer, precedendo a esse ataque, os povos bárbaros das Terras Feridas viram Brugoth, o Dragador, a mais poderosa das Bestas Abissais, emergir do mesmo local para preparar o terreno que seria utilizado posteriormente por suas fêmeas para poderem enterrar os seus asquerosos ovos.

Nessa época, tudo parecia estar perdido para esses povos bárbaros. A vida já era difícil antes mesmo dessa onda de destruição e caos e, pior do que o isolamento em que viviam, cercados por montanhas cujos picos não eram observáveis e à beira de um abismo que parecia esperar o melhor momento para tragá-los, haviam as constantes guerras entre as tribos, recheadas de ferocidade, insanidade, pilhagem, estupros e tudo o que de pior a selvageria poderia trazer. O mal era comum. Re-

almente tudo conspirava para que os povos das Terras Feridas desaparecessem.

Porém, como uma armadilha do destino, tal ameaça fez com que essas tribos, outrora desunidas, identificassem um inimigo em comum.

As Bestas Abissais, lideradas pelo Dragador, deveriam ser detidas, eis que já ocupavam todo o oeste das Terras Feridas, e, cada vez mais, empurravam os povos para a boca do “Abismo Sem Fim”, na borda do mundo.

Possuindo armas de guerra muito rudimentares, por isso pouco eficientes para enfrentarem rosto a rosto as reptilianas criaturas, não restou alternativa aos povos bárbaros senão esconderem-se em cavernas, pântanos, enfim, em toda sorte de buracos onde pudessem continuar a tentar a viver suas miseráveis vidas.

De fato, acontecera o inesperado; as guerras entre tribos cessaram, não havia mais motivação para isso, o objetivo de todos era sobreviver às terríveis feras.

Foi então que, do nada e sem explicação alguma, surgiu Lanriel, o Brilhante, vindo do alto das Montanhas Geladas, as mais altas da Cordilheira Branca no extremo norte de Terras Feridas, vestindo sua incomparável armadura metálica, ricamente adornada, banhada a ouro, trazendo em suas mãos Vindita, sua intimidadora espada larga que queimava em uma áurea de fogo azul; o Brilhante era extremamente alto, quase três metros de altura, porém, apesar do tamanho, era ágil, feroz e elegante quando batalhava. Lanriel não estava só!

Acompanhando esse inigualável e gigante general, os míticos Lordes da Aurora, vinte cavaleiros nobres que compunham sua guarda pessoal, também enormes e maravilhosos, porém não

comparáveis a Lanriel, ajudaram a expulsar as Bestas Abissais de Terras Feridas, não sem antes ser proferida pela boca pútrida do Dragador uma inimaginável profecia: - Da mesma forma que vieram, assim deixarão essas terras e, nesse momento, cavarei até o âmago desse solo para que meu harém possa depositar minha prole.

Por mais que a nação unificada de Efilon não existisse mais, eis que se dividiu em vinte reinos há séculos, ainda havia muitas semelhanças culturais entre os reinos que um dia a formaram, como, por exemplo, a língua, a escrita e a fé.

Porém, muito maior do que os laços históricos que os uniam, os povos de Efilon possuíam um herói em comum, Lanriel, “o Fundador”, aquele que, a partir de Cyr, não só liderou um colossal exército que expulsou as horrendas ameaças que subjugaram as terras de Efilon por gerações, mas também pacificou e unificou essas terras e seus povos em uma nação. Mas isso foi há vidas atrás.

Hoje, as terras de Efilon eram um conjunto de vinte reinos que constantemente lutavam entre si por poder e riqueza. Apenas sombra da outrora magnífica e próspera nação unificada por Lanriel, “o Brando”.

Cyr sempre fora o centro desse mundo.

Sim, irremediavelmente, Cyr estava conquistada, tinha sido definitivamente submetida. A Guerra da Purga chegara ao fim e no local que, por catorze gerações, fora o último refúgio dos descendentes diretos do último rei de Efilon, corpos despedaçados maculavam o ambiente.

A Linhagem de Zalor sofrera inestimável perda. Sendo a única família a reinar por Efilon, depois do autoexílio de Lanriel, “o Trazido”, e do desaparecimento dos Lordes da Aurora, os

Zalor foram vítimas da Guerra da Purga.

Os governantes de Cyr, todos da Linhagem de Zalor, foram os únicos, dos Reinos que outrora compunham a nação unificada de Efilon, que ainda utilizavam o título de rei, haja vista serem, realmente, descendentes diretos dos reis que, na época, governavam com braço forte a gigantesca nação unificada de Efilon.

O decrépito odor da morte impregnava o ar.

Na sala do Trono do Dragão não se podia mais apreciar o maravilhoso piso de ônix por conta dos litros de sangue, pedaços de membros e cabeças separadas dos corpos que se amontoavam no chão do local onde, por séculos a fio, desde Lanriel, “o Reluzente”, os povos de Efilon foram governados.

O rei sem reino, Ahrmed I, sua família e grande parte da nobreza da Casa de Zalor, que eram herdeiros da linhagem direta de Lorde Gourgon VI, “o Cetro Quebrado”, o último Rei de Efilon, não existiam mais.

A Fortaleza da Manhã restava conquistada.

Era quase perceptível o pranto feérico de Lanriel, “o Protetor”. Até mesmo no coração dos algozes da Casa de Zalor percebeu-se que, mesmo em seu autoexílio, “o Primeiro”, no lugar onde ele estivesse, sofria pelo povo que um dia defendera das Bestas Abissais, criaturas gigantes e extremamente poderosas que um dia chegaram das estrelas para subjugar os povos de Efilon.

Mais uma vez, com certeza absoluta, Lanriel chorara sangue.

Tal pensamento assombrou repentinamente o coração dos que vislumbravam a queda de Cyr, em especial, o dos invasores da grande Fortaleza da Manhã, porém, tão rápido quanto o primeiro devaneio, imediatamente justificaram seus atos pelo

abandono do “Pai dos Lordes da Aurora”, um dos inúmeros títulos de Lanriel. - Ele nos deixou. Consolaram-se internamente os conquistadores. Talvez, um mecanismo de defesa que ocorre à mente de quem sabe que praticou uma atrocidade sob o manto de cumprir ordens superiores. A história seria contada, mais uma vez, pelos vencedores.

Corpos desfigurados dos combatentes da valorosa Guarda Cyriana, os “Escudos de Cyr”, que em vão tentaram proteger Ahrmed I, sua esposa e seu único filho, amontoavam-se no chão, próximo e ao longo da “Senda da Verdade”, imensa escadaria de safira, azul como o firmamento, que conduzia ao imponente Trono do Dragão, que, por eras, fora o assento do “Primeiro”.

Em verdade, a simples visão da sala do Trono do Dragão já enchia o espectador de deslumbramento e tremor, e lembrava ao boquiaberto visitante que nesse local ancestral “O Protetor” distribuía a justiça e ditava a Lei.

A sala do Trono do Dragão imponentemente estava localizada bem no topo da Fortaleza da Manhã e era um imenso salão em formato de meio círculo, com aproximadamente duzentos metros de raio, com o piso todo em ônix, de um negro liso e deslumbrante, cujo teto de cristal escuro, em forma de cúpula, era sustentado pelas mãos levantadas de desconunsais vinte estátuas de granito branco, que representavam cada um dos míticos Lordes da Aurora.

Bem no centro do salão iniciava-se a “Senda da Verdade”, que levava ao Trono do Dragão propriamente dito, onde solenemente repousava em uma plataforma de mármore, branco como a mais pura neve, à altura de quase vinte metros do piso, encostado bem à frente do paredão de cristal escuro, que era o

prolongamento do teto, de modo que Lanriel, “o Primeiro”, não pudesse ser flanqueado por ninguém.

Na plataforma, que também possuía o formato de um semicírculo, encontravam-se os corpos trucidados dos descendentes da Casa real de Zalor.

Ahrmed I, à frente do Trono do Dragão, ainda empunhava “Justiça”, sua ancestral espada real, sendo que, atrás de seu corpo, que estava perfurado pelas flechas espectrais dos “Arqueiros Arcanos” da Casa de Mitholam, podia-se observar Nerthil, esposa de Ahrmed I, que além de estar com os olhos furados, ainda restava prostrada de bruços no chão. Teve suas roupas reais rasgadas da cintura para baixo. Seu corpo, cheio de hematomas, estava à amostra. Aterradora prova de brutal e repentina violência luxuriosa, na certa praticada pelos terríveis e impiedosos “Escamas de Dragão”, guerreiros carniceiros e profanos da Casa de Baluth.

A bela Nerthil, cuja beleza era invejada pelas fadas, por sua vez, agarrada estava a um dos pés de seu único filho, Midrehd, cujos dedinhos de suas diminutas mãos quase tocavam nos pés do Trono do Dragão, como que querendo assumir o lugar de seu pai, já morto, e defender seu sangue e título real. Era apenas uma criança deitada de ventre no piso, cuja cabeça não se avistava mais, perdida no caos da situação.

A pavorosa cena quase retirava a magnitude do Trono do Dragão, feito inteiramente do metal mais nobre, ouro puro, perfeito acabamento, forjado e finamente trabalhado por visitantes dos céus, a pedido do próprio Lanriel, “o Reluzente”.

Era uma grandiosa cadeira, onde podia sentar-se confortavelmente até mesmo o mais alto e forte dos homens, meticulosamente formada pela escultura de dois formidáveis e

aterrorizantes dragões de três cabeças cada que estavam unidas pelo encosto e pelo assento do trono.

Os pés do Trono do Dragão eram as musculosas duas pernas traseiras dos dragões, sendo que, ao fim, as quatro garras dos dois dragões, duas em cada lado, abertas, sustentavam todo o peso apenas com os dedos.

O restante do trono fora esculpido na forma dos corpos dos dois dragões, sendo que, o apoio dos braços eram os longos pescoços dos mesmos, onde, ao final, as três cabeças de cada, cujas mandíbulas abertas e furiosas davam a impressão de que lançariam jatos de fogo e enxofre a quem chegasse indignamente à frente do rei, projetavam-se à frente do trono.

As caudas desses dragões subiam nos dois lados acima do trono, de forma que seus esporões, parecidos com os dos escorpiões, adiantavam-se à frente do mesmo estando entrelaçados em forma da letra x apontando ameaçadoramente para quem ousasse entrar na presença real.

Já o encosto do Trono do Dragão era liso, porém no centro ostentava o símbolo do Primeiro, um meio círculo tendo a parte arredondada para baixo.

Esse era o maior símbolo desse mundo.

Havia sido profanado.

- O preço da liberdade às vezes custa sangue e vísceras nos chãos de palácios. Vale a pena? Um mal pode gerar um bem? Talvez. Quase sempre não. Refletia Odraude.

Repentinamente, uma figura imponente adentra na sala do Trono do Dragão.

As conversas cessam. Aqueles que já tinham tirado seus elmos, enxugavam seus rostos do suor e das gotas de sangue da feroz batalha e imediatamente se recompunham.

Os “Arqueiros Arcanos”, ao perceberem tal ingresso, curvaram imediatamente suas cabeças encostando seus joelhos destros no chão apoiando suas duas mãos no punho de suas armas voltadas para baixo, em posição de completa submissão e reverência à poderosa chegada. Os violentos “Escamas de Dragão” estufam o peito e levantam, ainda mais, seus insubmissos olhares apontando para baixo suas cimitarras, ainda impregnadas de sangue, máximo respeito que podem demonstrar a um “Estrela da Manhã” que não fosse o seu.

Um dos combatentes, que parecia ser o mais antigo do grupo, urrou: - Salve, “Estrela da Manhã”! E todos os outros responderam mais alto ainda: - Que Lanriel, o Primeiro, retorne!

3º LUGAR

LEGIS DE PACAXÉ

Ediran Marinho Souza Oliveira

Parauapebas

No início do século XX, longe da costa brasileira, havia uma ilha pacata e cheia de vida.

Seu nome? - Pacaxé.

Nessa ilha existia um pequeno, porém, bem movimentado vilarejo que vivia basicamente de duas atividades: turismo e artesanatos, este feito de seu principal cultivo: cocos da praia.

Em alguns dias da semana, um barco vindo do litoral trazia visitantes, produtos e correspondências, e quando ia embora levava uma remessa dos preciosos produtos da ilha.

O vilarejo de Pacaxé apesar de simples, contava com uma agência de correios, um posto policial, uma escola de nível fundamental e um posto de saúde, sem contar os pequenos comércios locais. Tudo para atender a seus dois mil habitantes que lá viviam, mais num ritmo de interior amazônico do que como vilarejo turístico. Era definitivamente um núcleo isolado, a 800 km da costa.

Nessa cidade vivia uma menina especial; introvertida, porém sonhadora; calada, porém muito tagarela entre si e Deus.

Seu nome? - Legis.

Seu pai lhe havia colocado o nome que vira sobre um prédio público, quando visitava o litoral. Tendo achado bonito, resolveu colocar em sua filha que estava por nascer. Legis agora estava com 14 anos de idade, porém nunca havia saído da ilha.

Todos dias a vida familiar tinha a mesma rotina: levantar, fazer o café, ajudar sua mãe nos trabalhos domésticos e seu pai, Diva Culegume que trabalhava nos cocais juntamente com seus dois irmãos, os quais apelidara de Zé Grude e Fogoió.

Depois do almoço Legis ia para o quintal de sua casa, que era grande, fazer suas peças de artesanatos de coco.

A mais preferida forma a ser trabalhada por ela era a de uma balança. Com as duas partes da casca de um coco seco, fazia os pratos e com parte de bainha da folha do coqueiro fazia o resto da balança.

Sua mãe, cujo nome era Azaléa, sempre lhe perguntava: - menina, por que fazer a mesma coisa toda a vez? Já temos mais de vinte dessas.

A menina por sua vez dizia: mas mamãe, minhas balanças sempre são vendidas. Acho que alguém deve gostar muito, pois desde o ano passado quando comecei, não sobrou nenhuma sem vender. Não sabia a inocente Legis, que sua mãe, por pena, pedia para seus outros filhos esconderem as peças para que sua irmã não se frustrasse.

Legis amava estudar, porém o seu tempo e oportunidade na ilha estava se acabando. A única escola existente somente ofertava ensino até o 9º ano e Legis, já estava cursando esta série. Seus pais não sabiam o que fazer para lhe ajudar a prosseguir nos estudos.

O que não dizer do coração de Legis quando pensava no desejo de estudar? Porém em suas orações pedia a Deus que lhe desse uma direção.

Um certo dia Legis pediu à sua mãe: - Posso vender minhas balanças de coco hoje na vila? - Sua mãe ficou gelada.

Uma coisa era ela fazer as peças, outra coisa era sofrer a

frustração de não vender. Engolindo seco, a mãe fez a seguinte proposta: - hoje vou montar a banquinha na feira da praça, você pode vir comigo e vender suas peças enquanto eu vendo as outras. Mas saiba que no comércio é natural vender e não vender.

Legis toda feliz, arrumou suas “balanças de coco” em uma caixa de madeira e acompanhou sua mãe na feira da praça, que ocorria todo o domingo. O início do expediente foi cheio de chamados como: - venham clientes! - Compre uma lembrança de coco; - Uma linda balança para enfeite ou para brinquedo de seus filhos!

Porém a tarde ia chegando e ninguém comprava nada, mesmo tendo baixado o valor. Agora sua arte valia apenas centavos e ninguém comprava nenhuma.

Quase anoitecendo e o semblante da menina não estava só cansado, mas triste também. Sua mãe Azaléa tentava esconder a mesma tristeza ao olhar sua filha.

Porém, já testemunhando o fluxo dos turistas em direção ao barco, algo estava para acontecer que mudaria sua vida. Um senhor idoso, porém, bem vestido com um terno cinza, aproximou-se do local onde Legis estava e por uns instantes ficou a apreciar sua “balança de coco”.

Como numa recuperação de ânimo sobrenatural, a menina investe num sorriso e diz: - são só noventa e cinco centavos senhor. Que tal levar uma?

O moço olhou para ela e lhe perguntou: - qual é o seu nome? Ela lhe disse: Legis, mas meus irmãos e amigos me chamam de “Lê”.

O senhor deu um pequeno sorriso e disse

- Você fez essa balança?

- Sim – respondeu a menina.

- Por que a fizeste? – Perguntou o senhor.

A menina demorou uns segundos com a testa um tanto franzida. Nunca havia pensado num porquê. Respondeu apenas: - Sabe que eu não sei dizer senhor, apenas tenho em meu coração o desejo de fazê-las.

O moço lhe respondeu: - creio que a razão está na essência de sua vida que lhe proporcionou ter esse nome Legis.

Como assim? - Não entendi. - Falou Legis, afita com receio dele não comprar a balança feita com tanta paixão.

Sabe Legis, eu poderia te explicar, mas tenho que pegar o barco agora, ou ficarei preso na ilha, tenho vários compromissos amanhã, preciso realmente ir. Mas antes, quero comprar uma balança.

Nesse momento seu coração estava para sair pela boca. Ela se animou muito e logo embrulhou a peça num papel simples.

O moço tirou cem reais do bolso e lhe deu. A menina e sua mãe arregalaram os olhos. E Legis disse: - o senhor não tem uma nota em valor menor? - Nós não temos troco.

O homem com a balança nas mãos lhe respondeu serenamente: - Não precisa me passar troco, em minha opinião esta balança vale muito mais. Fica com todo valor.

A menina ficou sem palavras naquele momento.

Quando o bondoso cliente se retirava com o produto comprado, mas antes que se distanciasse demais a menina se recuperou das emoções e gritou: - Espere! Me diga o que meu nome significa. E o que isso tem a ver com as balanças?

O moço esforçou-se por falar alto e com elegância: - Quando fores ao litoral saberás.

Legis perguntou: - Qual é o nome do senhor?

O homem respondeu já com os pés sobre o cais: Meu nome

é Ômega.

Logo ele entrou no barco, e se foi.

Legis foi para casa neste dia, diferente dos outros. Deitou-se e ficou imaginando que ligação haveria entre seu nome e uma balança feita de coco. Resolveu conversar com Deus e lhe pedir entendimento.

Naquela mesma noite teve um sonho, em que uma voz lhe dizia: - Prepare-se pois, após o resultado final de sua escola, eu lhe levarei para estudar fora, e lá farei você honrar seu nome e realizar o impossível para muitos!

Ao acordar, Legis ficou pensativa. Falou para seus pais e irmãos. Sua mãe ouviu e ficou em silêncio, seu pai com muita sensibilidade mandou ela parar de tanta ilusão e seus irmãos, como sempre riram. Eles sempre repetiam o que pensavam: - Ninguém que mora aqui consegue se dar bem fora.

No colégio, Legis não suportando ficar calada, resolveu contar o sonho para uma colega, que logo espalhou para todos. Muitos zombaram dela e disseram: - quem é você para conseguir sair daqui, e ainda mais conseguir algo no litoral? - Seus pais tem dinheiro? - São ricos?

A moça chorou copiosamente.

Logo chegou o tão temido e incerto final do ano. Feliz pela aprovação, a menina anunciava a todos que via, que tinha passado em todas as matérias. Agora era continuar a vida, mas como seguir sem estudar?

No dia seguinte ao término dos estudos, na ilha, o barco trouxe uma surpresa. Uma senhora idosa, de cabelos brancos e com um sorriso bem cativante, chega em Pacaxé. Palmas são ouvidas na porta da casa da moça. E essa ouve ao longe um grito de alegria: - MAMÃE!!!!

A menina correu para ver a ilustre visita. Era sua avó Alfena que nunca conhecera. Estava abraçada com sua mãe, que não sabia se chorava ou ria.

Sua avó quando lhe viu disse: - é minha neta? - Sim, respondeu Azaléa. - Pois venha cá me dê um abraço, disse a avó Alfa.

Legis nunca tinha recebido um abraço tão carinhoso de uma visita.

Após o jantar em família. A avó disse que iria embora em três dias.

Foi nesse momento que Azaléa lhe pergunta: - com quem estás morando mamãe?

A avó respondeu esperançosa: - Com ninguém filha, mas eu gostaria muito de ter companhia.

Azaléa prossegue: - A senhora poderia ajudar Legis a continuar os estudos?

O marido de Azaléa ficou em silêncio. Os irmãos de Legis também.

Legis pensou em recusar, dizer não, mas logo lembrou do sonho.

Naquela mesma noite tudo ficou resolvido: - Legis sairia da ilha para estudar.

Passados os três dias, Legis e sua avó Alfa, acompanhadas de seus familiares rumaram para o local onde pegariam o barco. Chegando lá, um a um foram se despedindo. A mãe de Legis preferiu ser a última e quando chegou sua vez lhe disse: - Filha, eu te amo, e eu sei que poderás alcançar o impossível se quiseres.

Legis enxugou as lágrimas e disse: - vou conseguir por Deus e pela senhora mãe e breve eu voltarei pra lhe ver.

Assim, sua avó e ela entraram no barco. Pouco a pouco a embarcação ia se afastando e a ilha ficou muito pequena ao longe.

Legis sentia um misto de empolgação e tristeza. E estando ainda a mirar a ilha ao longe, sua avó pôs a mão em seu ombro e lhe disse: - não se preocupe minha neta, você voltará aqui de uma forma grandiosa.

Nos primeiros cinco anos Legis conseguiu mandar cartas pelo barco até a ilha, mas, depois a agência do vilarejo fechou as portas e com isso a única forma de comunicação com seus pais.

Passaram-se doze anos, desde que Legis saiu da ilha.

Dona Azaléa, seu marido e seus filhos ficavam imaginando o que teria acontecido com ela. Mas eles sabiam que era comum a pessoa sair da ilha, e não querer voltar novamente.

Em um belo dia pela manhã, estando Dona Azaléa e seus filhos na praça vendendo artesanatos uma jovem senhora, bem vestida, escoltada por policiais e acompanhada de algumas autoridades, para em frente a banca de feira.

Dona Azaléa levanta os olhos para atendê-la. Ao fitar os olhos na mulher, os olhos arregalam e um brado de alegria rompe a rotina da vila: - LEGIS..

Ambas se abraçam por muito tempo. Uma das autoridades que a acompanhavam lhe pergunta: - doutora Legis, a senhora conhece pessoas nessa ilha?

Ela lhe responde: - Eu sou dessa ilha e vim aqui para mudar a história deles. O pai Diva Culegume e os irmãos de Legis correram ao seu encontro.

O prefeito da ilha, estava aguardando a juíza do litoral convidada para anunciar grandes novidades que mudariam a história de Pacaxé.

A população entrou em polvorosa. Ninguém podia acreditar que depois de tantos anos, o vilarejo iria receber investimentos que os fariam mudar totalmente de vida.

Passada a euforia, sua família resolveu lhe perguntar o que tinha acontecido. Como ela havia se tornado uma pessoa tão influente e respeitada.

Legis respondeu com alegria: - Ao chegar no litoral a primeira coisa que fiz foi pesquisar sobre o meu nome.

Passados alguns meses quando estava caminhando em direção a biblioteca, vi na frente de um tribunal uma faixa com a palavra “*Mens Legis*”. Entrei no tribunal para que alguém pudesse me dizer o que significava. - Lá dentro encontrei aquele homem que havia comprado minha balança de coco, e a balança estava sobre sua mesa. E para minha surpresa aquele homem era nada mais nada menos que o presidente do tribunal, desembargador Ômega.

Ele me explicou o que significava a “*Mens Legis*”, e quando eu passei no vestibular de direito ele me ofereceu um estágio no tribunal.

Passei a amar o exercício do direito e a aplicação da justiça. E passei a desejar em meu coração ser uma juíza.

Não foi fácil. Chorei muito. Tive muitos fracassos, discriminações, mas quando eu pensava em desistir, lembrava de Deus e de minha mãe dizendo que eu realizaria o impossível.

Consegui ser juíza. Ganhei destaques depois de muito lutar pelos necessitados e por quem buscava justiça. E hoje estou aqui para compartilhar meu sonho com vocês e fazê-los viver mais sonhos também.

Aliás, concluiu Legis, dentre os investimentos que se fará aqui, haverá um local onde a justiça funcionará, no qual trabalharei.

Não demoraram três anos, e ao invés de um vilarejo, agora Pacaxé era uma cidade, com veículos, pequenos prédios e grandes investimentos. E a juíza da cidade era agora alguém que

tinha em seu próprio nome a Lei.

Em um dos primeiros momentos da chegada de Legis sua mãe lamentou: - Sinto pena de minha mãe. Você veio para cá; ela agora está só.

Legis respondeu: - Não mãe, tudo está bem. Lembra do Dr. Ômega? Na minha posse como juíza ele conheceu a vovó Alfa.

- Hoje, eles estão casados, felizes e viajando pelo mundo.

- Afinal, quem está do lado da LEGIS não pode ficar desamparado!

Num romper de risos de todos que a observavam atentamente, é possível concluir que vale a pena ter atitudes na busca dos sonhos.

Crônicas



1º LUGAR

CARTA PARA ALÉM-ARAGUAIA

Aécio Souza Antunes

Ourilândia do Norte

Ourilândia do Norte, 29 de maio de 2017

Pai,

É madrugada. Cheguei ontem e, durante a viagem, enquanto passávamos pelas margens do rio Araguaia, senti saudades de tempos de outrora. Neste momento cai uma chuva bem fina, dessas que parece que vai durar uma vida inteira. Tomo uma xícara de café enquanto escrevo sob a luz fraca do quarto do hotel e fico observando a minha mala, ainda não totalmente desfeita. A noite se esmaece e uma faísca de luz adentra pela porta do quarto enquanto um passarinho canta uma música que eu não sei se é alegre ou triste. Escrevo para contar-lhe sobre o meu primeiro dia em solo paraense. Você que sempre foi meu melhor amigo e ouvinte.

Hoje pela manhã, em meu primeiro dia de trabalho no fórum, passei o expediente inteiro perdido nos meandros de alguns processos judiciais. No mundo da dor, eu poderia também dizer. O mundo machista por trás dos processos de violência doméstica contra a mulher (são muitos!). O mundo trágico dos processos que envolvem a infância roubada das crianças frágeis e desamparadas cujos direitos são constantemente violados. O mundo vil e ressentido estampado nas folhas dos autos das ações penais que, por vezes, narram cenas de um verdadeiro faroeste. Como já disse o poeta: a matéria vida é mesmo tão fina. Fico

pensando nas pessoas envolvidas e nas suas prováveis trajetórias. Penso nos juízes e nas suas responsabilidades. Quantas vidas uma decisão ou sentença judicial é capaz de alcançar? Nunca se sabe.

Foi na volta ao hotel, tentando negociar o preço das diárias com o inegociável dono do estabelecimento, que meu irmão me telefonou. Queria ele saber se havia muitos índios por aqui. E a Tia Clarice pra saber se eu havia tomado todas as vacinas. “Mas quais, tia?”. Perguntei e ela não soube explicar muito bem, então eu ri. Assim como ri quando uma colega do trabalho me contou que, ao saber que o novo funcionário que chegaria era baiano, imaginou a vinda de um espetáculo de homem alto e moreno. Um negão de tirar o chapéu. E então eu apareci com meu nível zero de baianidade nagô. Coitada! Quanto aos índios, vi poucos. Fico, porém, muito curioso. Alguns têm o corpo coberto por grandes tatuagens tribais além de possuírem uma expressão facial naturalmente forte. As crianças indígenas que vi são muito graciosas e quando sorriem aí é que ficam graciosíssimas mesmo.

Neste fim de semana irei à cidade de São Félix do Xingu, que fica próxima daqui e onde acontecerá a Semana dos Povos Indígenas. É uma espécie de evento que celebra a vida e a cultura deste povo e dentre as várias atividades haverá uma discussão sobre o empoderamento da mulher indígena. Não é algo excelente? A mulher indígena “empoderada”: uma espécie de símbolo ambulante de um Brasil que eu gostaria de ver acontecendo. Estou também ansioso para conhecer a beleza natural da região, que inclui o rio Xingu. Imagino-o como o São Francisco: rio-guardião, majestoso e cheio de segredos. Uma pena não podermos ir juntos.

Durante a tarde, passei pela Avenida das Nações Unidas, que vai do início ao fim da cidade de Ourilândia. Enquanto caminhava e sentia um vento fresco e inesperado, tive a súbita sensação de estar me jogando em um lugar que já conhecia. Uma velha história, só que numa nova versão. O novo sempre nos mostra que tudo na vida tem fim, e que bom que assim seja. Meus pensamentos são interrompidos pelo grito cantado do moço do picolé. Aqui tem também o moço do quebra-queixo, do algodão-doce... Algumas vezes sinto minha infância revisitada e acho muito natural estar aqui. Parei pra tomar um sorvete na praça e a dona da sorveteria é pessoa ótima e, muito à vontade, conversou comigo sobre Deus, mudanças e felicidade, além de reclamar do calor, do preço das coisas e dos políticos brasileiros. Eu concordei com absolutamente tudo. No fim do papo me abriu um sorriso e disse: “seja bem-vindo, amado”. Penso que nas cidades pequenas a vida é mais simples e boa. Quer dizer, quase sempre.

Pai, meu café esfriou. E o tempo está mais quente. Passarinho já não ouço mais. Engraçado como tudo se compõe e se decompõe. Estou terminando esta carta e julgo que não sou mais o mesmo que começou a escrevê-la. Muito menos a criança de vinte anos atrás que sonhava em um dia criar uma lei que proibisse que filhotes de gatos ficassem abandonados nas ruas. Porém uma coisa certamente não mudou muito: minha vontade de reencontrá-lo para conversarmos sobre as coisas da vida, como era de costume.

Desculpe se sou muito sentimental. É que a lembrança da sua morte me traz a melancolia do destroço de um naufrágio. Daqui mando muitos abraços saudosos, na espera de que sejam

levados pelos ventos ourilandenses para além do Araguaia com a maior brevidade possível.

Com amor,
Aécio.

2º LUGAR

A FÊNIX AMAZÔNICA

Liege Teixeira Lira

Belém

Não havia papagaio como aquele, leal e seguidor de seu dono, ia para onde este fosse e com seu andar peculiar caminhava até a porta da casa e ficava no braço da cadeira de balanço, acompanhando o movimento da rua, atualizando-se das fofocas. Sempre que passava uma moça bonita estava pronto para lançar um “fiu, fiu”. Era o orgulho do lugar.

Quem olhava o louro desconhecia a sua verdadeira estória, sua motivação, o que o levava até ali, e apesar de ouvi-lo assoviar incessantemente o hino do time do coração, não fazia ideia da força oculta que o ligava àquele homem: eram ambos bicolores.

Tinha vindo do interior, de Abaetetuba, onde pequeno aprendera uma canção, no bar de seu primeiro proprietário. Ali, aos domingos, assistia aos jogos de futebol em cima do balcão do famigerado “Bar da Noca”. Entre o serviço do bar e a diversão dos fregueses, tomava sua caninha, bicava alguns amendoins e ensaiava os versos do hino: “uma listra branca, outra listra azul/ essas são as cores do Papão da Curuzu”.

Ao morrer o dono do bar, sua mulher vendeu tudo, inclusive o papagaio, que lhe irritava cantando a mesma música o dia inteiro. Foi assim que o louro veio parar na capital, mais precisamente no trapiche de Icoaraci. Cosme o encontrou ali, entre peixeiros e vendedores de ervas, havia um pássaro verde que cantava impo- nente e vigorosamente o hino bicolor.

Foi amor à primeira vista, levou-o para casa, e o bicho órfão passou a ser o queridinho da família. Era tratado a pão de ló, solto, com comida à vontade. Passava o dia inteiro voando da bananeira para o mamoeiro, e quando se cansava ia assistir à televisão na cozinha, onde a empregada escondia o desejo de lhe jogar em uma panela de água quente.

Nos dias de jogo, Cosme colocava a televisão no quintal, assava um churrasco e abria as portas da casa para a nação bicolor, que durante o intervalo do jogo não cansava de ouvir o louro cantarolar.

Os dois só não tinham vez quando era dia de RexPa, isso porque sendo a casa de maioria remista, ficavam ambos relegados a um canto da sala, enrolados em sua bandeira e torcendo juntos, enquanto os azulinos gritavam.

A fama de um papagaio torcedor roxo, não literalmente, cresceu, e chegou às emissoras de televisão. Fizeram reportagem com ele e o novo dono, levando ambos à sede do time para conhecer jogadores e técnico, foram convidados a assistir a um RexPa na tribuna de honra do estádio do Mangueirão, tudo filmado e passado com tons de filme épico no jornal esportivo.

Glória maior não havia, o papagaio tornara-se o símbolo de uma torcida, verdadeiro amor de seu dono, e assim, entre um campeonato e outro, por derrotas e vitórias, iam Cosme e seu papagaio felizes e devotados ao Paysandu.

Mas numa tarde de sábado, Cosme saiu ao quintal a procura de seu fiel escudeiro, e o encontrou caído, ao lado da bananeira, imóvel e gelado. Observando que o pássaro não respirava e já apresentava certa rigidez, Cosme se ajoelhou junto ao papagaio e pôs-se a chorar, e agora, o que seria dele sem a sua ave companheira? E logo no sábado, véspera do jogo do Papão!

Aprumando-se e colocando as ideias em ordem, Cosme providenciou uma caixa de sapatos para colocar o pássaro, e tratou de avisar a todos, até a imprensa, o falecimento, anunciando que o velório do “*de cujus*” ocorreria da forma como o mesmo gostaria, durante o jogo do Paysandu.

E assim foi, no dia seguinte a casa estava lotada, todos devidamente uniformizados de branco e azul, para a realização do velório. Os amigos que já tinham experiência com esse tipo de evento, pois várias vezes enterraram o time adversário em tom de chacota, dessa vez estavam sérios e tristes, não havia palavras. Até os remistas estavam presentes para homenagear a memória do ilustre bicolor.

Foram feitos discursos inflamando a devoção e a paixão do papagaio pelo time, e seu dono não pode conter as lágrimas quando no início do jogo o estádio fez um minuto de silêncio pela perda do inestimável torcedor. Assim, correram, simultaneamente, jogo e velório, e aos poucos os convidados, que eram todos da confraria da 51, foram deixando os pêsames de lado, e se exaltando com o jogo. Mas será possível que basta a ave morrer para o Papão perder?!

Passou-se o primeiro tempo sem gols, e no início do segundo, o time adversário já saiu na frente. Agora eram necessários dois gols para se ganhar a partida. Foi então, que na cobrança de uma falta, aos vinte minutos do segundo tempo, o Paysandu marcou o seu primeiro gol. A gritaria foi ensurdecadora, os torcedores urravam de êxtase e soltavam pistolas em comemoração à reação do time, e em meio a todo aquele barulho, foi possível escutar um suave assóvio, vindo de dentro da caixa de sapatos. Um som inconfundível, ouvido tantas vezes, era o hino do Papão da Curuzu entoado pelo papagaio.

Cosme correu atrapalhado entre os convidados, viu que a caixa se mexia, e ao abri-la encontrou o bicho vivo, assoviando a plenos pulmões. Daí para a comoção geral foi um pulo, todos se abraçavam, cantavam o hino e comemoravam o retorno da outrora falecida ave.

Mas ainda faltava o jogo. Restando apenas cinco minutos para o final da partida, o zagueiro do time adversário dá um puxão no atacante bicolor dentro da grande área: pênalti!

O silêncio é impenetrável, sequer o som da respiração dos torcedores é audível, todos aguardam a cobrança da penalidade, o atacante ajeita a bola, olha para o gol, faz o sinal da cruz, corre e chuta no canto superior direito do gol, marcando o segundo gol.

Todos vibraram, e em meio aquela loucura, Cosme liga para os jornais locais para informar sobre o velório frustrado do papagaio, o bicho está vivo! Só não soube explicar se o que trouxe o animal de volta foi o time em apuros, ou se o papagaio é que salvou o Papão da derrota, mas isso agora já não faz mais diferença, ambos os fatos eram extraordinários e dignos de comemoração.

Na segunda-feira de manhã, depois de se recuperar de todas as emoções do dia anterior – velório, jogo, ressurreição do papagaio – Cosme senta-se na frente de sua casa, com seu companheiro novamente no braço da cadeira, e abre o caderno de esportes, cuja manchete principal diz: “Fênix Amazônica: papagaio bicolor renasce das cinzas como seu time”. É, parece que tudo voltou ao seu lugar na Vila Sorriso.

3º LUGAR

O DESPERTAR

Terezinha de Jesus Monteiro Lobato

Belém

Estava com dezesseis anos, no auge da chatice adolescente, naquela fase que não se quer nada, não se sabe por que estamos vivos e o que fazer da vida. A única coisa que eu queria naquele momento era fumar meu cigarro com calma, longe da minha irmã grudenta e dedo-duro. Minha casa ficava em um daqueles bairros antigos, com gente antiga, povoados de histórias que eu nunca tinha tempo para escutar, ou paciência.

Havia uma casa abandonada, um “bangalô como chamavam, em meu bairro, que se tornou um depósito de insetos e lixo, mas que ainda guardava seu quê de majestade em meio às tralhas. Eu sempre me escondia no alto da casa, um quarto mais abandonado ainda porque ninguém se atrevia a ficar por lá, acho que era o medo das tábuas caírem de uma vez só ou não havia mesmo nada que interessasse aos ladrões ou desocupados. Como eu era bem magro e sabia como me ajeitar em qualquer canto, ficava ali horas fumando e pensando em coisas sem importância.

Nesse dia tive vontade de olhar o resto da casa, há tanto tempo a frequentava e nunca tive essa curiosidade, porém naquele dia algo me fez sair de meu comodismo. Foi o que eu fiz. O andar de baixo estava em péssimo estado, pior do que eu pensava, apenas detritos e fedor. Se havia alguma coisa que valesse à pena, estaria no “meu” quarto. Compraria o desafio com as tábuas oscilantes.

Sempre entrava no quarto pela janela, uma árvore me dava uma mãozinha e aterrissava bem perto do cantinho amado, porém, esse era o dia, eu me aventuraria pela porta. O quarto me parecia, daquele ponto de entrada, muito diferente, quase sobrenatural, com os raios de sol finos iluminando um tom rosa anêmico, escondendo pequenas flores. A cama deveria ter sido alta, daquelas que se veem em filmes, imponentes, para dormir infinitamente. O guarda-roupa lembrava o da vovó, duas grandes portas, sem espelho, sem nada em seu interior, além do incansável pó. Mesmo assim, queria ver por dentro, na esperança de haver uma porta para Nárnia ou outro local que me oferecesse abrigo para o esquecimento. Nada. Como uma criança, comecei a bater nas paredes do fundo, esperando que se abrisse a bendita porta, quando comecei a notar um barulho oco, diferente, naquela madeira grossa e envelhecida. Notei que havia uma parte meio levantada, uma lasca escondida no fundo daquele móvel, que puxei de uma só vez com a ajuda de um pedaço de ferro.

Qual foi minha surpresa! Algumas fotos e envelopes caíram, levantando bastante poeira, fazendo-me espirrar e lagrimar, porém, queria ver minha descoberta, que naquele momento se revestia de puro ouro. Peguei tudo e fui para o meu canto, afobado, nervoso, feliz (felicidade era um sentimento novo para mim). Olhei primeiro as fotos. Era um casal. Ela branca, com um vestido nos joelhos, um chapéu pequeno, sorriso no rosto, e ele, um rapaz negro, magro, com paletó e chapéu. Estavam lado a lado, não se tocavam, mas eu tinha a nítida impressão que eram namorados. Não sei, mas tive essa impressão. Ele também sorria. Nas outras fotos, a mesma posição do casal, juntos, mas separados. Exceto uma. Nessa o rapaz tocava levemente (quase de forma imperceptível) o braço da moça.

Virei as fotos, nada escrito, apenas naquela havia um ano: 1916. Fiquei com vontade de levar as fotos para serem restauradas (fizem isso com as fotos da vovó). Muitos detalhes eu não conseguia ver, pois elas estavam esbranquiçadas, bolorentas. Passei para as cartas. Uma começava com “Querida Amália”. Amália, ela se chamava Amália. Ele falava da dificuldade em arrumar um emprego em São Paulo, da cidade, da imensa saudade que sentia (algumas palavras eu adivinhava, a caligrafia era ruim, o papel estava comido, com grandes borões). Ele assinava Antônio.

As outras cartas eram dele. Cartas apaixonadas, falando de suas dificuldades em se manter na cidade, o cortiço em que era obrigado a morar, a saudade dos poucos passeios que faziam e do preconceito, vivo, cruel, por ele ser negro. Brasil sempre racista, querendo esconder esse lado, mas sem ter como. Existe hoje e no passado. As cartas eram repetitivas, datadas de 1917 a 1918. Nesse tempo elas traziam os mesmos problemas, a mesma saudade, a mesma profunda tristeza. Pensei que nessas alturas Amália já estivesse casada e totalmente arrependida de ter flertado com o pobre Antônio, não por ele ser negro, mas imagino como seria ficar solteira naquela época. Só recordo do livro preferido de minha mãe “Orgulho e Preconceito”. Tudo bem, épocas bem distintas, mas a corrida para arrumar um marido era a mesma. E não dava para tapar o sol com a peneira, branca e negro, década de 20, deveria ser difícil, impossível até esse relacionamento!

Achei uma carta de Amália. Uma carta de 1919, nunca enviada. Amália se despedia de Antônio, uma carta curta, letra tremida, um “eu te amarei para sempre”. Ela estava com a gripe espanhola. Morreria.

Fui para casa com as fotos e as cartas dentro da camisa, da calça, um amontoado de poeira, mas uma história. Eu, nesta vida

a passeio, havia me tocado com esse romance de amor, um romance escondido de todas as formas, no seu próprio tempo, em um guarda-roupa. Eu carregava ali amor, tristeza, desespero, esperança, amargura. Tudo que eu nunca havia sentido, que agora, porém, penetravam em mim, mexiam com a minha alma.

Escrevi um conto e mostrei à professora de literatura. Ela me olhou, irônica, um péssimo e perdido aluno mostrando a ela algo de produtivo. A professora retornou no outro dia e disse que havia chorado. Fez apenas a correção gramatical (muitos erros) e disse para eu continuar a escrever. Não parei. Havia despertado.

Anos depois, mais de quinze anos depois, passei pela casa, hoje uma farmácia. Nunca desejei levantar essa história, saber o que aconteceu com Antônio. Deixei a história assim, intocável na minha carreira de escritor. Dentro daquele guarda-roupa, naquele quarto, meu antigo abrigo, eu me transformei. Naquele dia minha alma foi chamada e encontrei um mundo novo, o mundo das histórias, das emoções e das palavras.



1º LUGAR

Roberto Hailton Santos da Silva

Ananindeua

Quero fazer amor contigo
Não como fazem os homens
Os padres ou os bichos
Mas como o mar lambendo a praia
Como o infante silabando vacilante
Como a despedida de um errante
Como o sonho já distante prestes a retornar
Quero fazer amor contigo
Com a língua embebida em tinta e vinho
Em versos livres e sem rima
Aprendiz de qualquer coisa que não acorda, mas suspira
Que desperta ao sol do meio dia
Que balbucia (teu nome) descobrindo o significado da vida
Não quero fazer amor contigo..
Quero amar contigo

VATICÍNIO!

Andreson Carlos Elias Barbosa

Icoaraci

Foi de aldeia em aldeia,
em cada taberna e igreja
Foi com cada lavadeira e agricultor,
Foi na convivência da viúva e do órfão,
Que ele conheceu a sua comunidade.

Foi em cada prosa,
em cada sorriso popular
Em cada tristeza coletiva
Foi na ausência do Estado
Que ele conheceu a si mesmo.

Foi assim, lenta e paulatinamente
Que ele começou a compreender a História
A verdadeira e a que lhe contaram ao longo dos anos
As que forjaram seu caráter
ou construíram falsas memórias

Foi num dia comum,
Quando faltava o pão de cada dia
Que ele caiu em tentação
E decidiu lutar contra o leviatã
Rescindindo seu contrato social.

E começou a falar tão alto,
Como nunca achar que pudesse
E se no início ninguém lhe dava atenção,
Absortos na luta da sobrevivência,
Aos poucos suas palavras começaram a fazer sentido.

E assim, mais e mais homens pararam para ouvi-lo
Mais e mais mulheres se sentiram contempladas,
Adquiriu mais simpatia das crianças
E finalmente a adesão dos jovens
Que se encheram de ideias e lhe propuseram a luta.

Ele propôs a negociação,
Apresentou a pauta das transformações necessárias
Mas ignorado e zombado ele não teve alternativa
Instaurou-se a resistência e acirrou-se a fereza.
Cresceu também a comoção!

Eles não retrocediam, de nada abriam mão,
O povo cansado de suas duras cargas não entendia
Mas diante de tamanha covardia davam-se as mãos.
E os que eram mais fortes enfraqueciam
e os mais fracos cresciam em número e motivação.

Mas os poderosos se protegem e aliam
E mais tropas chegaram dia a dia
Florestas, cavernas tornaram-se moradia
Medo, fome, morte, acobardamento e brutalidade foram admitidos
E já tudo se podia.

Qual a opção? Trancafiar!
Iniciaram-se as buscas,
A cada dia mais violentas, mais invasivas
Mais inumanas, mais vorazes,
Os insucessos só aumentavam a gana.

Durante as incursões muitos ficaram pelo caminho!
Uns tombavam, outros se entregavam
Tudo para garantir que ele permaneceria vivo
Que ele continuaria enchendo os corações de esperança
Mas um dia foi vitimado pela traição.

E lhe cortaram os pés, mas ainda chegava longe.
Mutilaram-lhe as pernas, contudo levantava-se a cada dia mais alto.
E lhe deceparam as asas, todavia sua mente flutuava como pena.
E lhe amputaram as mãos, do mesmo modo ainda tocar profundamente.
Então, lhe expropriaram dos braços, mesmo assim conseguia proteger!

Tentaram então as mentiras, mas sua dignidade as anulava
Qual a solução? Cortar a língua!
Mas os olhos ainda brilhavam com mais intensidade. – Vaze-os!!!
Entretanto, ainda pode enxergar o coração dos homens
E suas ideias espraivavam-se descontroladamente.

Um dia seu corpo sucumbiu,
Não as bestialidades e humilhações, mas à falta de amor!
E os anos se passaram... As estações mudaram...
E, quando já parecia esquecido, qual semente joga ao léu,
Renasceu Mártir...

3º LUGAR

CANTIGA DO BAIXO TOCANTINS

Edson Cardoso dos Santos Filho

Óbidos

Nos confins lá do Anauerá,
Esqueceste, o tempo parou;
Nem te disse que aonde irás,
Só tu vais, eu pra lá já não vou.

Pelas bandas do Anauerá,
Ajuru, limoeiro, moraste;
Em Oeiras do meu Grão-Pará,
Tu ficaste, já não te mudaste.

Pelas terras do Anauerá,
Açaí já vingou, vai colher;
Mandioca também vai plantar:
Teu pirão tu já podes comer.

Em Oeiras, o Anauerá,
Leva os barcos, a sã produção;
Curralinho, até Cametá,
Tocantins é o meu coração.

Já não lembra do Anauerá?
Ficou rico, não vem mais aqui?
Já não quer mais comer mapará?

Mocajuba é o teu tucupi?
Se encantou pelo grande Pará;
De Baião, mais ao sul quis partir;
Mas voltou 'pro' teu Anauerá:
Foi barrado por Tucuruí.

Selecionados 

E...

Emilio Sergio de Vasconcelos Carepa

Belém

E a parte se tornou o todo
E o caos se transmutou em plácido
E o frio quase chegou a cálido
E o triste se refez em júbilo
E o toque derreteu o aço
O ócio fez-se pronto em faço
E a ti, o que melhor que um abraço?

ENCONTRO NA ESTAÇÃO

Augusto Cesar Doroteu de Vasconcelos

Santarém

Lá estava eu em meio a uma daquelas grandes estações de trem e metrô de Paris, perdido, com a cabeça explodindo de ressaca. Há poucas horas, na despedida de Barcelona, exagerei na dose de caipirinha com a galera do albergue. Estava fraco, pressão baixa e morto de fome, mas com o estômago embrulhado para comer alguma coisa. Não falava absolutamente nada do idioma local. Assim, dei vazão em voz alta ao desespero com o mapa do metrô em mãos, que é por si só um emaranhado complexo de linhas coloridas:

- Que droga, não estou entendendo nada”. Naquela multidão indiferente a minha angustia, sinto alguém me tocando o ombro e dizendo:

- Oi, você precisa de ajuda?!

Ao me virar um calor me subiu a coluna, aquecendo todo meu corpo: eu me arripei inteiro. A beleza daquela mulher me sacudiu o coração. Por uns instantes, olhamo-nos profundamente, como que aguardando estabelecer uma conexão inconsciente entre as duas almas. Ela sorriu, ruborizou. Percebera meu encantamento... e completou, balançando os braços:

- Desculpa, chegar assim de repente, mas quando eu escutei você falando em português algo me tocou. Já faz tanto tempo que estou longe do Brasil...

- Desculpas peço eu... perdão. Você não sabe o quanto estou feliz em conhecer você... Prazer Levy -. Inclinei para dar os famosos dois beijinhos... Nossa, que perfume, que pele gostosa.

Infelizmente, ela com certeza não pensou o mesmo. Eu exalava álcool e estava há horas sem tomar banho.

- Muito prazer, Kárin.

Seu sorriso era de uma leveza... e que covinhas. Tentando ser simpático, expliquei minha situação: perdido; zero de francês; ressaca e despedida em Barcelona. Ela então me convidou para acompanhá-la a um café onde trabalhava de garçonne a poucos quarteirões dali. Não iria demorar a sair, apenas o tempo de eu comer alguma coisa, oferecendo-se a me levar ao albergue onde me hospedaria, que ficava bem próximo a sua casa. Eu me senti tão vivo naquele momento, que tudo ao redor encontrava-se mais colorido. Conversávamos com tanto entusiasmo, contando histórias que resumiam um pouco da vida de cada um dos dois, apresentando a personalidade, os interesses... despertando atração. Eu ali perdido naquela cidade só tinha uma certeza: eu queria aquela mulher para mim. Andamos por ruelas lindas, mas nada turísticas que com certeza eu não percorreria sem ela. Ela já conhecia a vizinhança, que frequentava o café onde trabalhava. Explicou que escolhera aquele bairro para trabalhar justamente para ter contato com os locais e poder vivenciar um pouco mais a atmosfera nativa. Ela cumprimentava e conversava com os conhecidos em um francês fluente, não resisti, tive que xavecar:

- Posso te falar uma coisa? Você fica irresistível falando francês... -. Apreensivo, aguardei sua reação já me arrependendo da gracinha. Ela ruborizou e disse sorrindo:

- Ah é?! Rsr que saudade que eu estava dos brasileiros!!!

Nossa, voltei a sentir aquele mesmo calor subindo pela coluna. A partir de então, começamos a trocar olhares e sorrisos até chegarmos ao café. Que lugar lindo, com exceção da minha pessoa e dela, já acolhida como nativa, todos ali eram france-

ses. Foi maravilhoso ficar observando aquela moça desfilando entre as mesas, todos ali encantados por ela: homens, mulheres, jovens, idosos e crianças. Aquela mulher com sua voz suave falando francês era um delírio. Quando me serviu, sorriu e falou baixinho com certa malícia:

- *Bon appétit, mon amour !!*

Apesar da simplicidade, aquilo foi uma das coisas mais sensuais que uma mulher já me falara. Fiquei desconcertado e ansioso por um beijo. Logo que terminei, ela tirou o avental e me puxou pelo braço, despedindo-se de todos. Caminhávamos de braços dados. A cada passo a intimidade aumentava. Falamos de antigos amores, decepções e sonhos... Percebi que eu sonhara com ela a vida inteira. Pegamos um metrô, ríamos porque ela tentava me ensinar a compreender a lógica do mapa. Nossas mãos se tocavam, ela sorria. Descemos uma estação antes do meu albergue porque ela queria me mostrar onde morava. Que vontade de subir e me jogar em sua cama! De tomar um banho juntinho... Doce ilusão, seguimos em frente. A poucos quarteirões dali, meu destino final. Paramos de frente um para o outro, eu já ia começar a agradecer por tudo, quando ela me interrompeu com o dedo em sinal de silêncio em meus lábios, dando um selinho em seguida. Que boca gostosa! Afastando-se disse:

- Amanhã tenho o dia livre, apareça às 10 pro café da manhã!!
Leve o pão... -. Sorrindo completou: - *Quelle folie, invitant un étranger à ma maison ... ma mère me tuerait!!*

Eu nunca perguntei a ela a tradução daquela frase para não estragar minha fantasia... que transitou entre os mais românticos versos aos mais eróticos convites. Sei que no dia seguinte, apareceria com o pão e o coração na mão, tocando sua campainha, pronto para lhe saciar a fome e a sede !!

ENTRE SILÊNCIOS E PERPLEXIDADES

Holdamir Martins Gomes

Icoaraci

O amanhecer de todas as cidades pequenas, às margens de um rio de águas escuras, se parece. No Fórum de Justiça, uma casa antiga com altos, após subir uma escadaria de madeira, após percorrer um corredor comprido e sombrio, o que tornava seu vulto uma visão solitária a adiantar-se, o único Juiz de Direito da cidadezinha adentra em seu gabinete.

Principia o ritual dos recomeços. Códigos amarelados pelo tempo. Clamor de processos e petições. Antepassados nas memórias da parede. Frieza amanhecida do ar condicionado. Cada novo dia nascendo velho. Vestígios de um tempo não de todo passado.

Sozinho, bebe uma xícara de café. Da janela, avista as ruas que se cruzam entre mangueiras centenárias. O rio que corre com seus barcos e braços, entre ondas e barrancos, entre ventos e pedras que ainda se provocam.

Ranger de portas, janelas e gavetas. Risos sonoros subindo pela escada. Arrastados de passos e cadeiras. O juiz e o velho casarão, carregados de continuidades, toma lida e ritmo próprio.

O relógio na parede dita o tempo. Horário para a audiência. À mesa, onde se instaura o verbo, na tentativa de organizar o caos, uma ação de pensão alimentícia para um filho menor de idade.

De um lado uma jovem mãe. Bonita, simples e de fala doce. Moldada nas medidas provincianas, não sairia à rua sem atrair olhares. Acalenta nos braços o filho, de saúde aparentemente frágil, mas muito bem cuidado. Do outro, o pai. Um homem ainda jovem,

forasteiro de terras distantes, afeiçoado e cheio de atrativos.

Inexiste riso, apenas siso e apreensão. O procedimento, não se privando de caminhos, emoldura os entrelaces. O Juiz serve-se do diálogo. A proeza instrumental de reconciliar contrários. Ritualismo de paradoxos. Transitar “por baixo” projetando luz sobre o que se “passa por cima”. Dialogando, cumpria melhor sua sina de significados.

Visivelmente aborrecido e músculos retesos, nenhuma palavra surge do pai. Ingressa mudo, calado sai. Manifesta-se por seu advogado, ou em atos mecânicos. Um breve aceno com a cabeça parecia-lhe suficiente. O silêncio, em ecos, lhe basta.

Ela, a jovem mãe, expõe-se. Puxa o cordão da história, moldurado por olhos que não sabiam mentir. A fala como instrumento catártico. Nas palavras, nenhum travo de ódio ou desespero. Sem pudor, tudo fala, tudo revela.

O pai da criança, caminhoneiro. Forasteiro de muitas distâncias. Solto nos caminhos e poeira do mundo. Sedutor e boa lábia. Fez das cidadezinhas e camas alheias pontos de apoio. Percorrer novas geografias era seu destino. Entre o calor de seu hálito, toques libidinosos e segredando-lhe juras de amor, enlaçou em seus braços o corpo preservado da sua nova conquista. Numa luta desigual, onde o desejo prevalecia, ela abriu-se em guarita.

Na rotina de caminhoneiro, durante meses, entre idas e vindas, de forma simples, sem perguntas, nem cobranças, ela tornou-se um porto certo. Acreditara no que chamavam de amor. Um dia revelou que dele estava grávida. Na manhã seguinte, o motor do caminhão roncou mais alto. Ele prometendo voltar, não mais regressou. Por estradas que não confluem, ele partiu, ela permaneceu. Ele vento, ela pedra.

A jovem conjugou todos os verbos que indicam procurar.

Não acreditara nas palavras amoladas com maledicências contra ele. Acreditara nas mãos e no corpo quente que lhe dava carinho. Nas falas embebidas de promessas de amor e desejo. Se difícil era o verbo procurar, mais difícil era desacreditar ou esquecer.

Partejou seu primeiro filho em prematura chegada. Difícil foi a criatura nascer, difícil foi sobreviver. Mas vingou teimosamente, ainda que precisasse de constantes cuidados e atenção médica.

Meses foram passando. Ao amanhecer de uma noite maldormida, pelos cuidados com o filho, ouviu o grito da vizinha: “Mana o pai do teu filho tá estacionando o caminhão no posto de gasolina. Corre mana, corre!”.

A jovem mãe sente um frio na espinha. Quase uma flecha avançou, não em direção a ele, mas ao conhecido oficial de justiça, que em passos rápidos o alcançou no único posto de gasolina da cidadezinha. Alcançou-lhe a Justiça.

Ela que tudo observou a distância, apenas exclamou: “Ele foi citado! Ci-ta-do!”. Prolongou as sílabas como se quisesse pressagiar os desdobramentos daquela palavra. Disseram-na no fórum que ali tudo começava. Por instante, fechou os olhos. Parecia que a palavra ci-ta-do, detinha o poder de lhe devolver o estado primeiro das coisas. E repetiu tão alto, que seu grito, embrulhado de perplexidade e esperança, varou praça, mercado e ruas, adentrou as casas vizinhas, indo parar na mesa do Juiz: “Citado”.

Na audiência, o homem a sua frente não era o mesmo. Nenhum gesto de carinho, nenhuma ponta de afeto. O homem que amou foi um homem que nunca existiu. Para quem muito fantasiou, um grão de realidade bastou. Abortara um sonho.

Ela, acomodando sobre o corpo o filho, o que as palavras não podiam dizer, diziam os olhos, diziam as mãos, diziam os cuidados ininterruptos com a criança. A menina, já mãe, perplexa em face

das tramas e dramas da vida, trava e talha o grito que pede justiça. A requerer como quem pede flores, auxílio, atenção, sentido, paz. Para além da esperança e da expiação: “Justiça, seu Juiz!”.

Por um instante, introspectivamente, o Juiz reflete se a norma era o suficiente para fazer “justiça”. Se devia crer mais numa ou noutra. O palpável e o intangível. Buscas e verdades, de um lugar geográfico e epistêmico outro. Justiça: quão complexo atingi-la! Mas cabia-lhe ser juiz, não filósofo. Afinal uma norma bem pode ser a justiça, basta crer. Cabia-lhe concluir. Sentenciar.

Corporeidade jurídica nas tramas áridas da vida, nas entranhas da pequena cidade-mundo. As peças, no xadrez normativo, reviradas e exibidas, assumem ares de verdade. O silêncio do pai, metamorfoseado em reconhecimento. Lógica construída do sistema.

O Juiz convenceu-se. Mas não precisou exteriorizar. As partes se entenderam. O pai deu seu sobrenome ao nome do filho. Comprometendo-se a pagar pensão alimentícia e colocá-lo no plano de saúde da transportadora na qual trabalhava.

Assinaturas e apertos de mãos selam o acordo. A sala fica vazia, mergulhada no silêncio. O rito da vida, o retorno. Ao longe, vento e pedras, ondas e barrancos, ainda se provocam na metáfora dos desencontros. Resta um papel esquecido e amassado sobre a mesa: “Os homens fazem planos e criam estratégias, mas o propósito do eterno é que prevalece (Prov. 19:21)”.

Alheio ao difuso existir, o relógio, com ares de onipotência e voluntarismo próprio, apregoa outra audiência. Ritual de recomeços. Afinal, o tempo não tem coração nem religião.

EU NÃO FUI PARIDO, FUI PESCADO

Helton Jones Monteiro da Rocha

São Miguel do Guamá

O que somos vem do rio
Toda nossa molhada identidade!
Formos forjados através destas águas.
Quando para nascer, fomos pescados.
Postos a nadar.
Linha na mão, proa de canoa,
Matapi, espinhel e a camina.
Somos filhos de Boto.

Eu não fui parido
Eu fui pescado.

Trouxeram-me de longe
Eu sou dos primeiros homens
Trouxeram-me feito peste
Eu sou das últimas mulheres
Meu útero é aquático
Eu tenho sim esse “piché”
Sou filho de Bota
Sou bom de fêmea

Eu não fui parido
Eu fui pescado.

Esse espelho d'água
É meu caminho e minha morada
Sou todo peixe e todo pescador
Sou as histórias dos ribeirinhos
Sou a grande embarcação
O voo rasante do passarinho
Mas antes de tudo isso,
Sou filho de boto.

Eu não fui parido
Eu fui pescado.

A minha pele escamosa,
O meu cabelo duro de rio,
Meus olhos arregalados da tipitinga
Tudo vê e sente.
Eu dependo do rio
Eu sou esse rio que morre
Sou filho desse boto Tucuxi

Eu não fui parido
Eu fui pescado

Cá estou definhando junto contigo
Meu rio amado.
Meu Cacuri,
Fácil de entrar, difícil de sair.
Ainda hoje, tuas águas misturam o tempo.
Presente e passado perdem o sentido,
Em cada mergulho eu sinto esse rio,

Como quando menino.
Eu sinto a ancestralidade
Dos que vieram antes de mim
Eu me sinto esse boto lendário,
Que é rio, bicho e gente.
EU NÃO FUI PARIDO
EU FUI PESCADO.

JOSÉ

Francisco de Moraes Monteiro

Oueiras do Pará

Seis de junho de 1915, sítio Santa Maria, rio Aramaquiri, afluente do rio Canaticu, município de Curralinho, Ilha do Marajó, Estado do Pará, ali nasceu José.

Desde a tenra idade, foi flagelado pelo mais cruel sentimento que o ser humano possa experimentar: a perda do seu amado pai.

Aos cinco anos de idade, orfanado de seu sustentador, experimentou o que é ser abraçado pelas fortes garras da miséria. Seu destino já apontava o norte a ser seguido como futuro servo do MESTRE. Se este não tinha onde reclinar a cabeça e exortava aos seus seguidores ao desapego dos bens materiais, o pequeno José não tinha uma túnica. Na verdade, como indumentária, tinha apenas um camisão. Se a água molhasse a sua exclusiva vestimenta, seu corpo frágil experimentava o frio noturno do asfalto rústico de paxiúba.

Assim cresceu José, o Juquinha, adotado pelo irmão que, ainda em fase típica dos infantes, tomava atitudes e responsabilidades dos mais experimentados.

Lutando contra tudo e contra todos, a família sobreviveu à perda do pai. Essa dura experiência moldou, para sempre, o caráter e a visão de mundo de José. Sua infância e adolescência foram marcadas pela constante luta pela sobrevivência. Em lugar do banco da escola, o banco da canoa; do tênis da moda, os pés descalços; das roupas “de marca”, um simples calção de brim; da televisão e dvd's, o canto dos pássaros; dos passeios nas praças,

as visitas às roças; das idas ao shopping, uma corrida às fruteiras.

De criança órfã à adolescente sobrevivente. José é um sobrevivente! Sobreviveu aos ataques de doenças, de fome, das intempéries, das bestas feras, dos gananciosos. José sobreviveu. Sobreviveu porque estava predestinado pela bondade e misericórdia de Deus. Dificilmente alguém sobreviveria a seis picadas de cobras peçonhentas.

Sim, na verdade José é um sobrevivente. Sobreviveu para que pudesse ver a materialização de um sonho. O sonho de todo pai que espera uma vida melhor para seus filhos.

Foi perseguindo esse sonho, que José, à maneira de Abrão, deixou sua parentela e rumou para uma terra estranha. Daquele dia, ainda existe uma pálida lembrança.

Aos 15 dias do mês de agosto de 1965, José fez sua travessia. Com a ajuda da força física e da natureza, ele e sua família aportaram na terra dos Araticuns, com um objetivo definido em sua mente: desemburrar os filhos.

Esse objetivo fez do obstinado José um lutador incansável. À luz do sol, nas roças; à luz da poronga, nos igarapés. Como leão que não descansa enquanto não vê seus filhotes saciados, José buscava nas matas, nos rios e igarapés o alimento necessário à sobrevivência de sua família. Multiplicando-se para realizar todas as tarefas mais pesadas, incentivava sempre os filhos em idade escolar para que estudassem para aprender de verdade.

A primeira recompensa veio quando uma de suas filhas, ao completar os estudos disponíveis no colégio das freiras, obtendo a nota 10 em todas as provas durante o ano, foi agraciada com uma bolsa de estudo em regime de internato na cidade de Cametá. Na época, isso representava uma bolsa na Unicamp.

Cametá, na época, era considerada uma cidade longínqua;

contudo, para o obstinado José, isso não era problema. Então, parte a remo para o porto da estrada e depois, a pé, atravessando mata virgem, campos de natureza, várzeas e igarapés, segue à terra dos Romualdos.

Notícia igualmente alvissareira foi a nomeação de outra filha para exercer o magistério. O problema era o transporte para deixar a jovem Professora no distante Melancial. Isso foi resolvido incontinenti pelo incansável José, que não pensou na distância, mas, agradecido a Deus pela nomeação, rumou e remou subindo o rio Oeiras até chegar à longínqua vila Melancial.

Os filhos foram crescendo ajudando o pai na roça e nos serviços de carpintaria, profissão abraçada pelo sobrevivente que ganhou a alcunha de Mestre Juquinha.

Com o objetivo traçado e convicto da sua missão, José, endurecendo o coração para suportar a dor da separação, não impediu a ida de outros filhos para a capital em busca de mais conhecimentos.

Hoje, ao ver grafado seu sobrenome em vários diplomas universitários, o sobrevivente Juquinha, pode olhar o horizonte com a serenidade e satisfação de quem alcançou seu objetivo.

Ficou rico? Certamente não. A simplicidade e a vida pacata são dons que Deus lhe concedeu. Seu olhar não tem o brilho da juventude, mas a profundidade dos experimentados. A agilidade não existe em seus movimentos, mas o andar arqueado merece respeito e reverência própria daqueles que já no ocaso da existência conhecem o lugar onde pisam. Seus cabelos brancos pedem por companhia, compreensão, carinho, paciência, amor dos parentes e dos mais próximos. Seu corpo fragilizado e seus sentidos fora de frequência clamam: por favor, cuidem de mim!

Que reconhecimento ele teria? Certamente nenhum. Poder temporal, nunca teve. Bens materiais? Não conhece. Prestígio, força, vigor, dinheiro, não desfruta. Sem cheques. Cartão de crédito? Não conhece. Ninguém se importa com ele, ninguém o escuta. Discriminado por sua origem. Mas eis aí um homem em quem não há dolo! Seu nome? De pessoa comum. Nunca esteve na mídia. Desconhecido nos meios políticos. Para alguns, motivo de piada. Entretanto, não está nos inquéritos e TCO's. Nos tribunais? Nunca pisou! Repousa o sono noturno tranquilo. Pesadelos não existem. Pois a consciência está em paz com o dever cumprido. Dever que começou naquela madrugada do mês de agosto às margens do Rio Canaticu, quando aquele homem simples, caboclo marajoara, arruma seus poucos pertences, coloca sua família em um batelão e o motor, ah! o motor!

Ele era a engrenagem do motor. Na popa do casco, no ginga, de madrugada, segue em silêncio a deslizar o caudaloso rio, cuja névoa se espalha e mistura-se com o vapor que brota da água morna. Não há diálogo. Há pensamentos. Pensamentos distantes ou talvez tão perto. Da casa que fica para trás na próxima curva. Da roça que deixou para os caititus. Das varridas, cheias de cobras que não mais perfurarão sua carne magra. Na imaginação daquele pai de família, não havia lugar para tantas mudanças que ocorreriam durante a sua longa existência. Haveria um novo dia, e estava para nascer. O despertar de uma nova vida na qual seus filhos não seriam analfabetos. Eles aprenderiam a ler e a escrever. No imaginário do carpinteiro isso era a formação intelectual mais perseguida e mais difícil de ser alcançada.

Voltando ao presente, José não é um homem rico. Não tem bens e poderes. Seus traços fisionômicos demonstram que ele continua aquele homem simples. Valeu à pena tanto esforço? A

resposta será dele.

O que deseja um pai na sua velhice? Uma família unida e equilibrada. Filhos e filhas responsáveis, cumpridores de seus deveres. Cidadãos úteis à sociedade. Sem ter maculado o sobrenome dos pais nos anais da história do crime e da corrupção. E no leito de morte ouvir seus filhos suplicarem: fique mais um pouco, papai!

Tudo o que ele espera de um filho ou filha é que honre os nomes daqueles que um dia, com muito sofrimento, o colocaram no mundo e prolongaram as dores de parto para criá-lo.

Não há mais o que dizer. Aliás, há muito a dizer, porém, as palavras não são suficientes e não exprimem o inexprimível. Não há mais concordância. Violenta-se a gramática. São, em certos momentos, supérfluas. As atitudes falam mais que a língua. Suplica-se por atitude para com o mestre. Que não é de Nazaré. É do Canaticu. Do Aramaquiri. Brasileiro do Marajó.

O Mestre Juquinha, não precisa de um presente caro. Na verdade, o presente não é o mais importante. O que todo idoso precisa urgentemente é que ele seja notado. Ele existe. Ele está aí ao teu lado, batendo na tua porta. Batendo como bate o Mestre; educadamente. Não arromba o portão. Não esbraveja. Não reclama. Ele bate suavemente. Ele quer apenas um minuto. Um minuto teu é importante. Vale mais que uma roupa de marca. Ele não precisa de marcas. Marcas ele já tem no rosto, nas mãos, nos pés calejados de tanto andar em busca de proporcionar aos seus filhos um lugar ao sol. Ele quer apenas sua camiseta, sua bermuda e suas sandálias de dedo. Dinheiro? Já não é o mais importante. Não tem o domínio sobre ele. Sua porção diária é simples, pequena. Seus desejos de consumo são modestos. Sua busca e seu desejo incessantes são pela companhia. Companhia

de alguém que ele um dia tanto cuidou. Que o acariciou. Que o tomou em seus braços. A companhia dos filhos e da esposa ele necessita urgentemente. Seus olhos clamam por isso até o dia da sua partida.

Nesse dia, nada mais será necessário. Ficará apenas o remorso naqueles que tiveram tanto tempo, mas que tão pouco tempo devotaram àquele que um dia lhe chamou MEU FILHO... MINHA FILHA!

JUÇARA

Paulo Henrique Barbosa Cardoso

Santarém

Sob a sombra das frondosas mangueiras
Na incomparável 14 de Março
Frente às ruivas a passar, não disfarço,
Um tigelão de secar farinheira.

Posto nela o vinho mais saboroso
Que é fruto nosso e tão somente nosso,
Servido em dose, licor forte e grosso,
Outras tribos não o terão mais gostoso.

O Cremação lotado que passava,
Mostrando olhares largos de cobiça,
Fitavam a Juçara que encantava.

Doutro lado uma loirinha roliça,
Sorria das panças exuberantes,
Minha e de meu pai naquele instante.

OLHOS DE CHAMA

Thomas Davi Conceição Araújo

Redenção

Pelo reflexo dos olhos deles, vi a mim e vi a alma deles. A minha face parecia a corporificação do terror. Olhos arregalados, que enrugavam a pele sobre as finas sobranceiras castanho-escuras, boca escancarada, língua exposta.

Eles, do contrário, têm estampado um semblante de calma. Bocas oblíquas, daquelas que sugerem um estado de quem diz – Não vou te dar nem um prazer de sentir o quão prazeroso é pra mim te ver assim, nessa situação! Uma naturalidade normal para assassinos de aluguel do nível dos “Irmãos Cobrinhas”, mas que me deixava ainda mais em pânico.

Eu aqui frente a frente com os piores pistoleiros da região. Realmente meu fim está próximo, nem para tudo isso ser apenas pesadelo, Santo Deus. Mas, não, o que tenho é a crua realidade do meu fim nas mãos de Chamiris e Friodelimo.

Sáimos da picape Chevrolet D-20¹ preta, com detalhes vermelhos e cinza. Eles se olham e depois Chamiris fala – Este cuidarei sozinho mano. Hoje ele terá uma lição! Sigo na sua frente, enquanto ele aponta para minhas costas um trinta e oito² cano longo, na cor do brilho da lua cheia daquele feriado do dia de natal de 1988.

¹ Modelo de picape preferida durante a década de 80 e 90.

² Devido ao poder de fogo foi o modelo de arma preferido pelos pistoleiros do período.

Indiferente à situação, o outro irmão fica para trás deliciando um cigarro, ao pé da apelidada “Serra do Serrinha”, localizada no setor Serrinha.

Andamos caminho a dentro pela mata. O terreno é pedregoso, eu escorrego para trás. Como ajuda recebo uma mão nas costas, que me leva a frente, quase deslocando meu pescoço suado. Minhas mãos encarceradas por cordas apertadíssimas se lavam em sangue e se enchem de dor, quando, devido a esse empurrão, a corda rompe minha pele.

Estou ofegante, zozzo, desolado... e a trilha parece uma escadaria para algum lugar do horizonte, cuja vista se pode ver, mas as pernas nunca alcançarão. É o cansaço e o medo conjugados nesse instante.

Caminhamos e caminhamos... mais pedras... uma curva e mais outra...

- O que o senhor quer comigo, moço?

Não adianta questioná-lo. Contudo, ao virar um pouco a cabeça, vejo que ele, embora andasse com certa firmeza, demonstra evidente cansaço. Cheguei mesmo a imaginar que estava vendo através daquele chapéu de massa que lhe caía sobre o rosto e lhe tapava parte da identidade.

Subo... desço... e novamente subo e desço... e respiro... respiro mais uma vez... a pressão cai, a vista escurece... cambaleio e miraculosamente me recupero e continuo. Se meu executor viu, fez que não viu.

- Moço, não vai responder o que eu fiz? Por que tou passando por isso?

Um tapa na nuca e eu ao chão... um rasgo na minha surrada calça boca de sino azul anil... sangue... e vejo Chamiris de pé com o revólver apontado. O movimento da arma deixando claro sua

ordem para eu me levantar.

- Calma! Tou tentando me pôr de pé. Não atira... não...! Não faz isso comigo, por Deus!

Ao me levantar, sinto que apenas um dos meus sapatos ki-chute continua em um dos meus pés, o outro havia se perdido na mata e no “breu”³ da noite. Andamos por quase uma hora até chegar ao topo da serra. O terreno estava limpo de mato. Vejo as luzes da cidade – Quão bela é... deveria ter vindo aqui noutra situação. Pena ser tarde! Ao me arrumar para ir ao bar “Fim de tarde” nunca imaginaria que fim e tarde seriam dois termos definidores do meu dia.

Ouço a palavra pare, dita pelo meu sacrificador. Ordena-me que fique de joelhos, dizendo...

- Sabe por que você vai morrer cabra?! Quem encomendou sua morte?!... Em...

- Não sei meu senhor!

- Ninguém pagou para eu te matar! Com essa frase dita me restou confusão e dúvidas. Será que iria me matar só por capricho!? Morreria pelo simples fato de não irem com a minha cara?! Em que terra estamos vivendo?! Nem profissional o desgraçado é, afinal, pois matava por matar.

- Você morrerá para nunca mais bulir⁴ com esposa de mais ninguém nessa vida!

- Eu não f... Um soco é disferido na minha face impedindo-me de terminar a fala. Minha boca sangra. Não adianta nada

³ Termo da expressão popular para a escuridão.

⁴ Termo usado na região com o sentido de ato de cortejar, alguém seja com intenção amorosa e/ou apenas sexual.

argumentar. Este é meu fim. Volto a cabeça para Chamíris e vejo nos seus olhos o porquê de o chamarem “olhos de chama”. Fogo parece vim de seus olhos diabólicos. Ele direciona a arma e puxa o cão, mas não antes de me puxar pelo colarinho da camisa de algodão molhada de suor, rasgando-a de cima a baixo, e pelo tambor da morte enxergo o brilho das balas douradas que se assemelham a brilho estelar... lembro de olhar para o céu... lindas estão hoje as estrelas, quão intensas e brilhosas... um risco de fogo cruza o firmamento – Será uma estrela cadente!?

Resignato vai ao chão com a ciência de que sua morte não era para si dar naquele dia, daquela forma e “poraquela”⁵ razão. Mas, vez ou outra, até os melhores profissionais cometem erros irreparáveis e, vez ou outra, tudo conspira contra ou a nosso favor. O destinado a morte na verdade estava naquele instante no deleite das carícias da esposa do assassino e seu plano era, após satisfeito, sumir para nunca mais retornar àquele lugar de prazeres e horrores.

POEMINHA SEM NOME

Franciney Pimentel dos Anjos

Belém

Pode vir,
Sem parar,
Corre e escorre
Faz limpar.

Confunde-te com meu pranto,
Vem me ajuda a lavar,
Essa incerteza amarga,
Que ilude e faz nublar.

Sopra rajada de vento,
Sopra e leva no ar
Essa angústia indecente,
Que teima o peito prensar.

Se até a feroz tempestade,
Se acanha e sabe parar,
Não pararia essa sanha
Que teima me aprisionar?

⁵ Contração do termo por+aquela, originado poraquela.

Roberto Hailton Santos da Silva

Ananindeua

Quero mastigar mais uma vez teu nome inaudito
Engolir teu corpo inimaginário
Crer na esperança do cadáver ressurreto
Quero te *encarnecer* no meu gozo emaranhado da minha língua
Minha saliva te salva em mim desconhecido
Te consumir em tudo que descarnou do osso de nós
Das trepanadas ideias dos nós

RIO DE PEDRAS

Edson Cardoso dos Santos Filho

Óbidos

Onde arraias bem raso nadaram,
Em lagunas de água dormente;
Deste rio, as águas rumaram
Para as pedras do antigamente.

As memórias por lá repousaram,
Pelas várzeas de águas silentes;
Deste rio, as rochas mostraram
Palafitas em águas correntes.

Onde os Tumucumaques já eram
Nossos campos do antigamente;
Deste rio, as ondas trouxeram
Pororocas do eternamente.

Deste rio, as praias levaram
Aonde amas, e não queres vir;
Erosão onde bem se alargaram
Pelas margens do Araguari.

Onde impera a linguagem do vento:
Pororoca chegou de repente;
Tuas margens são longes, sem tempo,
Nessas terras do antigamente.

SENTENÇA (Martelinho Magistrado)

Carlos Augusto Sousa Jatene

Belém

MARTELO QUE BATE
MARTELO QUE FERRE
DESFERE ESSE GOLPE
QUE QUASE MORTAL
PROFERE A SENTENÇA QUE O HOMEM ANIMAL TERÁ
QUE PAGAR À JUS CRIMINAL
O HOMEM ESTREMECE E BAIXA A CABEÇA E TEM QUE
ACEITAR A SUA SENTENÇA
JUSTIÇA SE FAÇA NA TERRA DO HOMEM QUE DEVE
CUMPRIR A MANDO DO HOMEM
É HOMEM OU DEUS
O HOMEM QUE DEU
TAMANHA SENTENÇA?
QUE VENÇA A JUSTIÇA!

SOBRE-VIVER

Natascha Ramos Rodrigues Damasceno do Couto

Belém

Viver, o que é?
Meros fantoches despersonalizados
Manipulados pela mídia e pela emoção
Vítimas da violência
Massacrados pela corrupção
Queremos Carpe diem e utopia
Comida, diversão, arte
Futuro, história, nostalgia
Cultura, saúde e educação
Mas no trânsito da vida,
Pegamos a contramão.
Queremos semear amor
E colher futuro
Somos cúmplices de nós mesmos,
Cativos de nossos próprios muros
Queremos instruir o povo,
Construir uma vida melhor.
Há que se falar em dignidade
Na força do trabalho e do suor.
Temos muito medo
E pouca convicção
Muita realidade,
Pouca imaginação.
Vida dura, de peão
Fome, dor, insolação

Poucos sonhos
E tanta decepção.
Corremos do relógio,
Retardando o encontro com nós mesmos.
Somos ora pressa, ora espera
Nunca concretização, sempre desejo.
Por isso, já não podemos esperar nada.
Não sei se estamos certos.
Mas a vida, anda um tanto errada!

TUDO É POEIRA

Leticia Santos Neris

Conceição do Araguaia

Na rua em que eu moro, nas pétalas das rosas,
No verde da grama, tudo é poeira.
No vento suave, no redemoinho,
No vaivém dos veículos,
No barulho das motos, tudo é poeira.
No sol castigante, na sombra das árvores,
Tudo é poeira.
No canto do pardal, no latido do cão,
Na polícia atrás do ladrão, tudo é poeira.
Na criança que corre nas ruas escuras,
Nas moças quase nuas, tudo é poeira.
Nos bêbados que cambaleiam,
Nos ricos de barrigas cheias,
No corre-corre dos garis, nas pessoas que passam,
Tudo é poeira.
No trator arando terra, na corrida de mula,
Nas pegadas dos bois, tudo é poeira.
No calango que corre no chão,
A mulher sacudindo a peneira,
O ancião chegando da feira, tudo é poeira.
No comércio, nas filas do banco, tudo é poeira.
Viemos do pó, e nos tornaremos pó.
Afinal, tudo é poeira.

EXPEDIENTE

Edição

Departamento de Comunicação

Linomar Bahia, diretor

Coordenadoria de Imprensa

João Vital, coordenador

Edição de Arte

Airton Nascimento

Revisão

Laís Zumero

